



**CADERNOS PELA
DEMOCRACIA - 9**

Uma publicação do Mandato
Marília Campos sobre a conjuntura
política brasileira

LULA

**REPRESENTA A PRIMEIRA
GRANDE - E TALVEZ ÚNICA -
SAGA DE NOSSA POPULAÇÃO**

(Cândido Mendes)



PT **Marília
Campos**
Deputada Estadual

Para Lula, com carinho

Comecei a minha militância política no movimento estudantil, na década de 1980, no Triângulo Mineiro. Naquela época, Luiz Inácio Lula da Silva já tinha despontado como principal liderança do sindicalismo brasileiro. Um torneiro mecânico que ousou mobilizar as trabalhadoras e os trabalhadores metalúrgicos do ABC paulista em históricas greves contra o patronato e contra a ditadura militar. E que por isso foi preso e perseguido.

Em 1979, Lula começou a articular a criação do Partido dos Trabalhadores, que seria registrado em 10 de fevereiro do ano seguinte, reunindo militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Fiz parte dessa história e ajudei a fundar o PT na minha região. Em 1983, mudei para Belo Horizonte, onde passei a participar do movimento sindical na capital mineira, emergindo como uma das lideranças das greves da categoria bancária. Cheguei a presidência do Sindicato dos Bancários, cargo que exerci por dois mandatos, entre 1990 e 1995. Uma trajetória que se espelhou diversas vezes na figura de Lula, nossa maior referência, e que me levou a ser eleita vereadora e prefeita de Contagem por duas vezes, e deputada estadual por dois mandatos, um deles sendo exercido atualmente na Assembleia Legislativa.

Algumas vezes tive a oportunidade de estar com ele em eventos partidários ou do movimento social. E depois durante os meus mandatos na Prefeitura, que em parte coincidiram com a sua permanência na presidência da República. Sempre fiquei impressionada com seu carisma e com sua simplicidade. Com a sua capacidade de emocionar, com a sua sabedoria que nenhum diploma pode dar, pois foi construída com vivências profundas de quem foi de retirante nordestino a presidente brasileiro por oito anos, reconhecido e admirado em todo o mundo.

Lula, é mesmo o cara. É incrível a sua empatia com o povo. Sua capacidade de entender e falar a linguagem do povo. E quando se pergunta qual o segredo da profunda identificação que ele tem e mantém, especialmente com os mais pobres, a resposta é simples. Lula não esqueceu suas origens. E seu discurso é verdadeiro. Se um outro político falar de fome, pode soar demagógico. Lula não. Quando ele fala, dá testemunho de vida. Ao falar de marmita com ovo frito, não está contando uma história qualquer, está relembando a sua própria caminhada, seus tempos de peão no chão da fábrica. Eis a diferença.

Assim como Lula, descobri que o lugar de quem faz política é ao lado das pes-

soas. Nas ruas, nas praças. Olho no olho. Quando o vi na recente caravana pelo Nordeste, sem se deixar abalar pelas intempéries, senti uma alegria e uma energia que me revigoram. E que dão sentido ao que faço, pois mais uma vez vejo que a escolha está correta. E que não há o que se temer pois a luta é justa e perseverar é necessário em tempos sombrios.

Lula segue em frente sendo o que sempre foi: símbolo da capacidade que tem o brasileiro de se reinventar e de se reerguer diante das adversidades. Os que hoje o perseguem, esses passarão. Lula seguirá, por décadas, como um personagem ímpar, um líder que mudou para melhor o Brasil, e sobretudo, como um dos políticos mais respeitados e queridos por nossa gente, que deposita nele enormes esperanças.

Fica portanto registrada essa homenagem a Lula, feita em forma de coletânea de textos. Singela, mas de coração. Um modo de agradecer por tudo que ele representa em minha vida e na de milhões de brasileiros e brasileiras.

Boa leitura.

Márcia Campos

Deputada Estadual PT/MG
Presidenta da Comissão Extraordinária de Mulheres da ALMG



Índice

Emir Sader - Precisamos falar do Lula	05
Aldo Fornazieri - Ruínas institucionais e o auto-resgate de Lula	08
Fernando Brito: O sertão virou um mar de gente que só quer existir	12
Emir Sader: O PT recupera o seu vigor no compasso das caravanas	14
Gilberto Maringoni - Hamlet revisitado: “Ser e não ser”	17
Wanderley Guilherme dos Santos - O fedor da força bruta ...	20
Saul Leblon - Brotos verdes no sertão	23
Cândido Mendes – Lula e a primeira saga da população	32
Emir Sader - O escândalo Lula	34
Cândido Mendes: Com Lula foi todo um inconsciente coletivo que chegou ao poder, que transborda de suas representações clássicas	36
Saul Leblon – Marisa e Lula	39
Luís Nassif - Noblat, Lula e a sina dos homens comuns	44
Walquiria Leão Rego - Lula rompeu cultura da resignação	48
Wanderley Guilherme - Destruir Lula é silenciar a voz dos pobres	51
Wanderley Guilherme - A direita quer aniquilar os novos atores sociais	54
Emir Sader - Luiz Inácio Lula do Brasil – esse é o teu nome, Lula!	56
Fernando Brito - Luís Inácio, o último que ficou, pai dos que vão nascer	58
Aldo Fornazieri - Vargas e Lula imprimiram um sentido ético à nação	60
Aldo Fornazieri - O Brasil historicamente tem poucos líderes significativos	64
Wanderley Guilherme - Lula, o intérprete dos desassistidos entrará para a história	68



Emir Sader: “Precisamos falar do Lula, compreender as razões do seu poder de liderança sobre o povo. Entender o que ele significa para o povo e para o Brasil. Sem o que não entenderemos nem o Lula e nem o povo, nem o Brasil”

Brasil 247 – 31/08/2017

Título Original: Precisamos falar do Lula

Já se disse tudo ou quase tudo sobre o Lula, assim como o oposto do que se diz. Que é um político populista, que está envolvido em corrupção, que é um conciliador de classes, que é um político superado.

Mas o Lula cada vez surpreende, a seus seguidores e a seus adversários. Surpreendeu em 1989, quando foi semeando o apoio popular pelas caravanas da cidadania, até que chegou ao segundo turno e quase é eleito presidente do Brasil. Surpreendeu quando lançou a Carta aos brasileiros e o Lulinha, paz e amor, como via para triunfar na sua última tentativa de presidir o Brasil. Surpreendeu com o ajuste fiscal com que iniciou seu governo, até ficar claro que o fazia pra promover

ARTIGOS SOBRE LULA

a prioridade das políticas sociais – chave do sucesso espetacular do seu governo. Surpreendeu quando estabeleceu uma aliança com o PMDB, conseguindo apoio para as políticas sociais do seu governo, para o resgate do papel ativo do Estado, para uma política externa soberana.

Surpreendeu quando colocou em prática a mais eficiente política de recuperação do desenvolvimento econômico combinado com o mais amplo processo de inclusão social.

Surpreendeu quando, ameaçado de impeachment pela direita, convocou os movimentos populares a apoiarem o seu governo e conseguiu que a oposição recuasse. Surpreendeu quando não se deixou sufocar pela tentativa da oposição de asfixiar seu governo e se reelegeu em 2006, graças às políticas sociais do seu governo. Surpreendeu quando fez o nordeste, antes sempre capturado pelo clientelismo da direita, o bastião mais forte da esquerda, porque beneficiário de políticas que mudaram muito a vida de milhões de pessoas.

Surpreendeu quando se projetou no mundo como a liderança política mais importante em escala global.

Surpreendeu quando resistiu às pressões para que alterasse a Constituição e se lançasse candidato a um novo mandato. Surpreendeu quando lançou a Dilma e surpreendeu quando conseguiu elegê-la.

Surpreendeu e segue surpreendendo. Enquanto alguns tentam empurrá-lo para a imagem de um político superado, Lula viaja pelo país, reforçando a ideia de que ninguém, nem de longe, tem o apoio popular que ele tem. Surpreende quando logra que amplos setores da juventude expressem a identificação com a sua liderança e os logros do seu governo.

Surpreende quando enfrenta, de peito aberto todas as covardes acusações difundidas pela mídia e por setores do Judiciário, desafiando-os a provar sua culpa e jogando na cara deles as evidências da sua inocência.

Surpreende quando revela um conhecimento do país como ninguém tem, no detalhe e nas grandes linhas e dilemas do Brasil. Surpreende quando mantém e até amplia um leque de conversas com setores muito diferenciados da sociedade – do MST a setores do grande empresariado.

Surpreende quando consegue combinar uma visão com profunda identidade com todos os de baixo da escala social, com um sentimento nacional que abarca os interesses de todo o país.

Surpreende quando mostra capacidade de liderança sobre setores de distintas idades, de distintas regiões do país, de interesses diferenciados, que ele logra

amalgamar em um discurso abrangente.

Precisamos falar do Lula, do Lula realmente existente, essa pessoa muito simples e, ao mesmo tempo, capaz de abordar os temas mais complexos de forma direta e com propostas concretas.

Precisamos falar do Lula, do Luiz Inácio Lula da Silva, de carne e osso, afável no tratamento e duro no combate, aberto a enfoques novos e às reivindicações dos setores mais amplos da sociedade.

Falar do Lula dirigente máximo do movimento popular brasileiro, único líder com capacidade de reunificar o país em torno de um projeto de retomada do desenvolvimento econômico com distribuição de renda, de resgatar o prestígio do Brasil no mundo e de recuperar a legitimidade do governo e a autoestima dos brasileiros. Lula surpreende quando viaja pelo nordeste brasileiro, por mais de 100 cidades em 20 dias, fazendo mais de 100 discursos, propiciando o mais gigantesco processo de mobilização popular e de tomada de consciência que o povo brasileiro já teve a possibilidade de aceder.

Precisamos falar do Lula, compreender as razões do seu poder de liderança sobre o povo, sua interação formidável com o povo, entender o por que ele é o único líder popular no país na atualidade. Entender o que ele significa para o povo e para o Brasil. Sem o que não entenderemos nem o Lula e nem o povo, nem o Brasil.



Aldo Fornazieri: “Ferozmente perseguido, caluniado todos os dias por grupos fascistas, Lula está condenado a não sair das ruas, das marchas, das caminhadas, das caravanas até que todo esse processo político e jurídico chegue ao fim”

Jornal GGN – 28/08/2017

Título original: Ruínas institucionais e o auto-resgate de Lula

O Brasil se assemelha a uma cidade em ruínas. Ruínas, não produzidas por uma guerra, por lutas bravias, mas causadas por um grupo de bandoleiros que assaltou a cidade diante de uma população perplexa, cabisbaixa, indefesa, sem que ninguém a defendesse. Os bandoleiros não se cansam de promover devastações, de destruir a moral, os códigos de conduta, as leis, os costumes, o bom senso, a dignidade. Aos poucos vão ficando apenas escombros do que era um país minimamente organizado, com uma Constituição funcionando, com um mínimo de respeito entre os poderes e com freios às ambições dos predadores. Agora tudo

ruiu. Depois que o Planalto foi assaltado por Temer e sua quadrilha parece não haver limites em nenhuma instituição, os bens públicos são saqueados à luz do dia e os bandoleiros exibem o produto do saque à população como forma de supremo escárnio. O Supremo Tribunal Federal não está somente acovardado, mas é constituído por covardes que, primeiro, aceitaram a violação da Constituição e, depois, aceitaram ser pisoteados e desmoralizados por Gilmar Mendes que, repita-se, é conselheiro de Temer e concedente ligeiro de habeas corpus a criminosos. Sim, o crime organizado está dentro do que resta das instituições.

Na medida em que o golpe fracassou e que o caráter criminoso do governo foi sendo revelado, os bandoleiros decidiram tirar as máscaras e, despudorados, não se importam com a continuada e pública prática de crimes. Neste grupo de bandoleiros, sequer existe um código de ética típico de organizações criminosas perduráveis, a exemplo da máfia. Nesse grupo, impera a desconfiança, a traição, a chantagem interna e a ganância pelo botim. Duas coisas os preocupam: o quanto podem ganhar e destruir até o final de 2018 e, encontrar formas para tentar se manterem no poder.

Depois de destruir os direitos, a dignidade e a moralidade, agora estão empenhados em destruir o patrimônio público ante o fracasso do que era considerada uma equipe econômica irretocável. O país corre o risco de caminhar para uma bancarrota. Sabe-se que a venda das empresas e bancos públicos não resolverá o problema do déficit. As privatizações não passam de mais uma forma de destruição do país. O Brasil virou um território aberto da violência. No campo, fazendeiros, ruralistas, grileiros se sentem autorizados a intimidar e matar camponeses e índios. Mas como poderia ser diferente quando um dos principais ministros é grileiro e criminoso ambiental? Ao investir contra as reservas ambientais, o governo investe não apenas contra o futuro, mas contra a humanidade. Sob a soberania do Brasil, as reservas e florestas amazônicas deveriam ser um bem planetário preservado por todos. Os desmandos e a falta de limites de Gilmar Mendes e de Temer são tão assustadores que deixam perplexos até mesmo pessoas que apoiaram o golpe. A unidade política que havia se constituído para derrubar Dilma se espatifou. Agora, procuradores e juízes de primeira instância se voltam contra o governo que produziram e contra ministros do STF. O governo se mantém com a entrega de verbas, com o perdão bilionário de dívidas previdenciárias e pelo vale tudo de negociatas criminosas que se instaurou em Brasília.

O PSDB está trincado e desmoralizado. As principais lideranças tucanas - FHC, Aécio Neves, José Serra e Alckmin - junto com Temer e Cunha, amargam as piores

rejeições entre políticos, como mostra a pesquisa Ipsos. A sociedade não perdoa os santos de pau oco, a mentira e o cinismo. E muitos desses líderes, que combateram a ditadura, mancharam as suas biografias irremediavelmente. A novidade Dória também está se esfumando, seja porque ele abandonou a cidade de São Paulo, porque é um fascistóide ou ainda porque se revelou um traidor do patrono que o promoveu. O STF, Carmem Lúcia, o juiz Moro, o Ministério Público - tudo vem erodindo, comprovando que o golpe, a destruição da democracia e das instituições não deixa ninguém impune.

O auto-resgate de Lula

Ao perceber os riscos que corre e ao se deparar com a devastadora destruição do Brasil, Lula fez o que deveria ter feito desde o início de 2015, quando as articulações do golpe ficaram evidentes: foi para junto do povo. A História e os livros de filosofia política estão cheios de lições mostrando que não há fortaleza mais segura para um líder popular ameaçado do que o apoio do povo. Mas para que isto se torne resistência, luta, energia, força e mobilização, o líder precisa comandar e dirigir o povo como Lula está fazendo agora com a Caravana da Esperança. Os líderes dos partidos de esquerda deveriam fazer o mesmo movimento: ir para junto do povo, integrar-se com ele, adverti-lo dos perigos que corre e semear esperanças. Ferozmente perseguido, caluniado todos os dias por grupos fascistas, Lula está condenado a não sair das ruas, das marchas, das caminhadas, das caravanas até que todo esse processo político e jurídico chegue ao fim. Lula só se salvará se conseguir fazer com que seus inimigos e os inimigos do Brasil sintam medo do povo. Queira-se ou não, ele é o único líder, neste momento, capaz de fazer com que perseguidores e bandoleiros sintam medo do povo. Levantar o povo, restituir-lhe o senso de dignidade e dar moral de combate aos ativistas progressistas e de esquerda e aos movimentos sociais devem ser os objetivos principais das caravanas de Lula. Nenhum exército combate se não for estimulado, se não estiver convencido da justiça das causas e se não tiver moral elevada.

Existe uma tarefa prévia às eleições e às discussões programáticas: barrar a destruição do Brasil e dos direitos, bloquear a violência institucional de pessoas tipo Gilmar Mendes e Temer, interditar a continuidade do golpe via distritão, parlamentarismo, semipresidencialismo e outras formas de degradação ainda maior das instituições políticas. Nestas lutas é possível construir a unidade dos progressistas e das esquerdas para 2018.

Lula tem um papel decisivo para liderar esse processo, mas precisa parar de acenar

para os Sarneys da vida. Lula tem o dom da palavra e tem a sensibilidade capaz de estabelecer uma identidade entre o sofrimento do povo e o seu sofrimento pessoal, a sua história sofrida. Lula, mais do que ninguém, conhece as emoções e os sentimentos das almas populares e consegue comunicar-se com elas, interligar-se a elas. Com suas palavras simples e metáforas toca as angústias das pessoas e sabe dizer o que fazer para melhorar a vida sem usar as fórmulas racionais abstratas que nós professores e intelectuais usamos. Persuadir significa ter a capacidade de convencer pela emoção e sensibilidade e expressar através delas conteúdos fundamentais para a existência.

Para resgatar-se definitivamente, Lula não pode repetir a experiência da conciliação e precisa apontar um novo sentido político para o Brasil. Não pode desconectar-se do sentido originário da sua história e da sua liderança política: estar junto com os trabalhadores e com o povo sofrido, pois esta é a única garantia de permanecer nas páginas da história como um líder autenticamente popular, que emergiu do seio do povo.



Fernando Brito: “O sertão virou um mar de gente que só quer existir”

Tijolaço – 28/08/2017

A um velho brizolista é, talvez, mais fácil entender o que se passa em relação a Lula que a muitos petistas.

Estamos acostumados ao que eu chamava de “cenas de brizolismo explícito”, como temos agora as de “lulismo explícito”

Damos de ombros à crítica de que isso é populismo, porque sabemos contra o que este nome é usado.

Como não somos regidos pelo “o que sai no jornal”.

Porque o jornal é “deles”.

Sim, digam que somos simplórios, que temos um “nós” e “eles”.

Não sai na imprensa, claro, ou sai torcido, explorando migalhas: um contratempo aqui, a presença de estruturas públicas presentes ali – ter proteção policial em jogo de futebol ou show de música é legítimo, não é? – mas os vídeos e as imagens não mentem.

A caravana de Lula pelo Nordeste ganha ares de procissão.

A luzes dos “flashes” dos celulares ganham cores de velas acesas de esperança. Outras luzes, as de alarme, acenderam-se nos salões.

Onde não creem na profecia de Gláuber Rocha: “mais fortes são os poderes do povo”.

O “vale-tudo” vai atingir proporções inimagináveis. Ou melhor, imagináveis para quem viu coisas como aquelas do “O Fim do Brasil” do grupo que patrocina aquele site de extrema direita do qual não se pronuncia o nome aqui.

Por isso a um velho brizolista é mais fácil entender.

Porque aprendeu que não são virtudes vagas que estão na balança, mas o próprio reconhecer-se do povo.

Por isso as elites – poucos – e os elitistas – muitos – não entendem que não é a um herói que abraçam, agarram, beliscam, beijam, amassam em seus braços.

Abraçam, agarram, beliscam, beijam, amassam a si mesmos, tomados pela sensação – muito mais do que pela compreensão racional – de que existem, de que não têm mais que viver escondidos na floresta ou no sertão, como bichos.

Não são bichos, são gente, como eu ou você.

Que quer ser tão importante como qualquer um, até mesmo um pouco menos, talvez, por enquanto.

Mas que quer existir, como descobriu que existia.



Emir Sader: “O PT recupera seu vigor no compasso das caravanas de Lula. O PT tem que estar à altura de ser a orquestra que o acompanha, para que o povo brasileiro possa dançar de alegria pelo seu reencontro consigo mesmo, que só pode se dar no exercício pleno da democracia”

Brasil 247 – 23/08/2017

Título original: O PT recupera o seu vigor no compasso das caravanas

A mídia faz como se não acontecesse nada de importante no Nordeste. Haveria apenas as viagens do ex-presidente Lula e do prefeito João Doria à região, quase equiparados no mesmo nível.

A incomodidade da dimensão da caravana de Lula ao Nordeste é de uma proporção tal que só mesmo não falando dela. “Do que não se pode falar, se deve calar”, dizia Wittgenstein. É o que fazem a direita e os que, localizando-se no campo popular, não conseguem explicar o fenômeno Lula e preferem tentar evitá-lo, como se fosse possível.

É impossível entender o Brasil e entender o PT, sem Lula. Pelo que o governo Lula significou e pela forma como isso marcou a todo o campo político e a memória do povo. Um vereador tucano, numa crise de sinceridade, disse que só mesmo matando Lula. Com o que não se pode entender, melhor tentar sua eliminação mágica.

E, no entanto, a caravana expressa o Brasil real escondido pela mídia. Se alguém tinha dúvidas das relações de Lula com o povo brasileiro, tem aí cenas escancaradas, explícitas, de amor plenamente correspondido. E não se trata apenas de cenas românticas, porque elas estão alicerçadas em transformação da vida de milhões de pessoas, que querem agradecer ao Lula por isso, protegê-lo dos seus inimigos e mostrar toda sua disposição de apoiá-lo para que ele volte a presidir o Brasil e dar continuidade às políticas que tão bem fizeram às suas vidas.

Por outro lado, quem tentava analisar o PT separado do Lula, como se fosse possível, tinha uma visão reducionista, internista, organizativa, e não política do partido. O PT é o partido de Lula, é o partido que protagonizou, com Lula na cabeça, os mais importantes processos de transformação econômica, social, política e ideológica do país. O PT e Lula são indissociáveis, desse ponto de vista, com suas particularidades, seus avanços e seus tropeços.

O fato de que Lula seja o grande líder político nacional faz com que ele obrigatoriamente transcenda o PT, seja maior que o partido. Mas isso acontece com todos os grandes líderes populares. Eles nascem de um partido, se associam estreitamente a esse partido, mas se projetam como líderes nacionais.

Não é possível entender o PT sem o Lula, como não é possível entender Lula sem o PT. Eles estão tão imbricados, que um só existe com o outro, com suas particularidades.

A ofensiva da direita afetou a ambos: a Lula e ao PT. Agora, quando Lula se lança a caravanas por todo o Brasil, o PT como que se revigora nessa onda, no ritmo dos percursos de Lula, retoma seus vínculos estreitos com as bases populares que levaram o partido às quatro vitórias nas eleições presidenciais.

No Nordeste, é uma massa lulista, beneficiária das políticas dos governos do PT, que se reconhece em Lula e o projeta como seu grande líder popular. Uma massa que, ao mesmo tempo, na maioria dos estados elegeu e reelegeu governadores de esquerda e bancadas progressistas.

O PT tem agora a possibilidade de se rejuvenescer, ganhar para suas filas a amplos setores de massa que se mobilizam ao compasso da viagem de Lula. O discurso de Lula é o grande maestro desse compasso. O discurso que ataca duramente o desmonte de tudo o que o Brasil construiu de melhor neste século, que ao mesmo tempo compara com as conquistas de que todos foram beneficiários nos governos do PT. Que paralela-

mente aponta para os caminhos da retomada do crescimento, da distribuição de renda e a inclusão social, o caminho da esperança.

Porque Lula representa a esperança concreta de que esse caminho pode ser retomado. Lula não está lutando pela sua candidatura, pela demonstração da sua inocência diante de acusações sem fundamento. Lula está lutando pelo resgate da democracia no Brasil, resgate que passa pelo seu direito a se candidatar de novo à presidência do país e a desmistificar as acusações que lhe são feitas sem nenhuma prova.

O PT tem uma nova oportunidade de se reconstruir como partido, depois de ter sofrido os mais duros e continuados ataques que um partido jamais sofreu na história política do Brasil. Pode recompor suas filias, com o ingresso de novas gerações de militantes, de mulheres, de jovens, de negros, de trabalhadores dos mais diferentes setores da muito diversificada economia brasileira.

Já no começo da caravana é possível ver o vigor que o PT revela, seja pela reincorporação de militantes que haviam tomado distancia do partido, seja pela ingresso de simpatizantes para dentro das suas filias, seja pela adesão dos que se dão conta de que se trata da única alternativa política para superar a gigantesca crise em que o governo golpista lança o Brasil. Se dão conta que o PT é o partido de Lula, é o partido que representa os interesses das grandes massas populares do Brasil.

A renovação da direção do PT, com a eleição da senadora Gleisi Hoffmann para sua presidência, é a outra cara dessa renovação. Ela se projetou, rapidamente, como uma grande líder política nacional, somando à atuação firme que tinha no Parlamento, a atuação como dirigente partidária, que encarna a nova fase do PT, sempre junto a Lula, de estreito diálogo com todos os movimentos do campo popular e com toda a militância petista. O PT recupera seu vigor no compasso das caravanas de Lula. Logo depois de terminada essa primeira, é necessário que o partido adapte suas formas de funcionamento a essa torrente de novos membros. Precisa avançar na reformulação da sua estratégia, porque o Brasil já não será o mesmo depois da mais profunda e prolongada crise da sua vida política. Mas o Brasil e o PT tampouco serão os mesmos depois das caravanas, que se incorporarão à prática política do PT e do campo popular, como instrumento indispensável de mobilização, de formulação política e de construção da hegemonia popular, democrática e nacional da esquerda. Já não se pode seguir discutindo projetos fechados entre quatro paredes, fora dessa dinâmica indispensável de falar ao povo e de ouvir ao povo, em que Lula é o nosso maestro soberano no falar e no ouvir. O PT tem que estar à altura de ser a orquestra que o acompanha, para que o povo brasileiro possa dançar de alegria pelo seu reencontro consigo mesmo, que só pode se dar no exercício pleno da democracia.



Gilberto Maringoni, do PSOL/SP: “Lula é a maior liderança na história com capacidade de interlocução com os de baixo”

Facebook Gilberto Maringoni – 21/08/2017

Título original: Hamlet revisitado: “Ser e não ser”

Lula está brilhando em sua passagem pelo nordeste. As cenas do ex-presidente com o povo são impressionantes. Ataca sem dó a situação. “O país não precisa ser a merda que é”, diz, em linguagem clara para todos. Não tivemos em nossa História outra liderança com tamanha capacidade de interlocução com os de baixo. Nem mesmo Getúlio. Lula fura todas as bolhas e parece galvanizar uma vontade coletiva dos que perderam a esperança, numa espécie de retomada de um fio condutor da Nação consigo mesma. Desesperançados e desesperados se ligam em sua pessoa, na busca de incertos “bons tempos” existentes no imaginário coletivo e no diferencial do que é a hecatombe do governo Temer com seus anos no Planalto.

Ao mesmo tempo, o ex-presidente joga um bolão naquilo em que é insuperável. Estica a corda de um lado e alivia de outro. Em entrevista ao programa de rádio de Mário Kertész, na manhã de sexta (18), saiu-se com esta:

“Eu conheço bem o Meirelles. É um homem de mercado. Quando o Meirelles aceitou

ser meu ministro, presidente do Banco Central, ele tinha sido o deputado federal mais votado pelo PSDB de Goiás. Eu o convenci (...) e devo muita gratidão ao Meirelles. Muita. Pela lealdade com que ele se comportou quando trabalhou comigo. (...) Acho que o Meirelles teria contribuído para a Dilma”.

Trata-se de lulismo na veia. Repetiu de viva voz o que faz desde a “Carta aos Brasileiros”, de 2002, ao prometer mudança aos de baixo e manutenção das regras aos de cima. Entre duas opções contraditórias, Lula escolhe ambas e espera para ver que bicho vai dar, azeitando tudo com sua incomparável habilidade. Se fosse Hamlet, não se enrocaria no “Ser ou não ser”. Adotaria as duas opções.

O ex-presidente não parece fazer as duas falas no mesmo comprimento de onda. Para o grande público, joga para cima a autoestima popular, numa quadra de desconstrução da Nação. É fulgurante...

A entrevista para Mario Kertész, por sua vez, embute outra lógica: a métrica para eternos acordos e redução de danos, feitos para audiência com endereço definido e restrito. É simplismo dizer que ele tem um discurso para cada plateia.

O ex-metalúrgico se move em baliza institucional estreita, premido pela perspectiva de condenação judicial e pela possibilidade real de vencer em 2018, se a disputa for minimamente limpa. E isso o leva a emitir a dupla mensagem no meio do fogo contrário. Declara guerra e iça a bandeira branca ao mesmo tempo.

Uma nova gestão petista periga ser mais rebaixada em enfrentamentos do que o mandato 2003-2007. Isso não acontecerá apenas pela vontade do ex-mandatário, mas porque a correlação de forças é pior e porque as classes dominantes estão unificadas, ao contrário do que ocorreu há 15 anos. Mesmo assim, o grande capital não o engole em condições normais de temperatura e pressão. Alguém com sua impressionante legitimidade pode um dia ser incontrolável.

O diferencial real e concreto em Lula é sua campanha. Até agora e por maior que seja seu esforço, nenhuma fração burguesa significativa tem a perspectiva de se somar à sua pregação. Reportagens devastadoras nos noticiários televisivos, manchetes de jornais e revistas e obscuros magistrados loucos por aparecer, tudo pesa contra. É a materialização de uma maior agressividade do capital em tempos de crise, num novo ciclo de acumulação e concentração no plano global.

Por isso são inúteis os apelos de Lula por uma frente amplíssima, que envolva os miseráveis e a alta finança, como aponta seu aceno a Meirelles, sua cria.

Juntar as críticas aos dois comportamentos do petista - a pregação para amplas camadas populares com sua tentativa de atrair o grande capital – num único canal funciona para nós, em nossas bolhas.

Para Lula e para suas crescentes plateias, parecem ser mundos diversos. Denunciar seu comportamento como “traição de classe” ou coisa que o valha é para lá de inócuo. Lula já mostrou: não pretende realizar transformação social alguma, mas buscar acordos sem luta. Está avisando para quem quiser entender. Seu intento é claro e é bobagem reclamar disso.

Embora muita gente tenha fórmulas mais eficientes na cabeça, quem atrai multidões e rompe bolhas é ele.

Resta ver se sua tática de chamar o golpismo – pois Meirelles representa o coração da ruptura de 2016 – para um chá com torradas surtirá efeito em tempos de depressão profunda, cenário muito pior do que a crise de 2002.



Wanderley Guilherme dos Santos: “O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é indestrutível. A direita e a esquerda de nariz torcido evitam reconhecer que a indestrutibilidade de Lula não é propaganda partidária, mas fenômeno sociológico”

Segunda Opinião – 21/08/2017

Título original: O fedor da força bruta

O Golpe de 2016 expulsou a representação popular do circuito legal do poder executivo. A violência continua, exonerando técnicos de governo por suspeitada simpatia pelas teses econômicas e sociais progressistas. Evitar a qualquer custo o retorno legítimo de representantes populares ao Executivo resume a cláusula pétreia do breviário golpista. Atenção para o “evitar a qualquer custo”. Não se trata de recurso estilístico de mau gosto: indica o compromisso prioritário dos reacionários com a manutenção da liderança golpeada no ostracismo. Antes ou depois da vitória eleitoral da oposição popular.

A coalizão reacionária não tem programa a oferecer. Desastrosos resultados de iniciativas delirantemente privatistas e antinacionais esgotaram a mínima reserva de expectativas, até daquela parte da população brasileira solidária com a truculência primitiva. Prometer o quê? Privatizar a Caixa Econômica e o Banco do Brasil? Fechar a Embrapa, o Ita, a Embraer? Alugar o BNDES ao sistema financeiro? Ceder a base de lançamento de foguetes de Alcântara aos Estados Unidos? Reafirmar a crença de que o mercado resolverá, em algum momento inespecífico do futuro, os problemas de emprego, renda, miséria e desigualdade? A derrota é inevitável. O ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva é indestrutível. Ele ascendeu àquela região em que a pessoa física continua vulnerável, mas o poder mobilizador permanece inalterado. A direita e a esquerda de nariz torcido evitam reconhecer que a indestrutibilidade de Lula não é propaganda partidária, mas fenômeno sociológico. Terá parentesco com crenças religiosas, sim, porém com fundamento empírico inegável. Por isso, a menos da descoberta de contas abrigando, no mínimo, um Pedro Barusco, as trampolinagens jurídicas que apresentam um apartamento em Guarujá e sítio em Atibaia como prova de corrupção resvalam para o vazio da fúria impotente. Sabe a maioria da população que, na bichada cultura cívica brasileira, a corrupção está "precificada", como lá dizem os corruptos. Doações inferiores ao valor de venda de um apartamento, arbitrado pela família de Aécio Neves junto aos potentados da JBS, somado ao empréstimo obtido dos mesmos irmãos açougueiros, e às propinas que surgirão das obras da cidade administrativa de Minas Gerais e de Furnas, aquém desse montante, avaliam os empreiteiros, os burocratas e os políticos, não se trata de corrupção, é troca. E nem isso os ferozes curitibanos comprovaram.

O manual cotidiano entregue à população brasileira tem sido esse: profissionais liberais que sonegam o imposto de renda e chantageiam os clientes com preços diferenciados, com e sem recibo; ainda quantidade assustadora dos restaurantes, papelarias, lojas de roupas, farmácias, padarias, supermercados não dão nota fiscal e ninguém reclama; os jogos de azar (jogo do bicho, corridas de todo tipo de animal, bingos, cassinos) são de conhecimento geral e, à exceção dos cassinos, operando às claras. O consagrado intermediário nas negociações ilegais entre a população e o varejo dos serviços públicos é o famoso "despachante". Há estratificação de credibilidade e renda entre eles, estabelecidas pelo mercado, em função da celeridade dos resultados e economia no valor do suborno vencedor. A população foi ensinada a ser cínica, cultivar elevadíssimo limiar de indignação diante de absurdos e a incorporá-los aos cálculos de sobrevivência. Reagir individualmente é

arriscar-se à antipatia social.

A caravana iniciada por Lula, agora em agosto de 2017, será irresistível. É razoável esperar que os radicais direitistas inaugurem a violência física. O pavor dos reacionários os levará à criação de problemas a granel e a intensificá-los de tal modo que a urgência de soluções tenderá a romper os prazos com que a democracia opera. É o que esperam para que a cláusula golpista mantenha-se pétrea: o voto popular deixará de ser o único recurso para chegar ao poder. Sinto o fedor da força bruta.



Saul Leblon, sobre a Caravana de Lula ao Nordeste: “Invisível na mídia conservadora, um Brasil pobre, mas teimoso em seu viço, emergiu nas redes alternativas e delas atingiu uma parte do imaginário nacional em imagens exuberantes”

Carta Maior – 01/09/2017

Título original: Brotos verdes no sertão

Multidões imprevistas afluem à passagem de Lula no sertão. A passividade eleitoral talvez não seja mais o fio condutor desse anseio por existir.

Tem um filme novo passando nas telas de cinema; não é a superprodução da Lava Jato.

Invisível na mídia conservadora, um Brasil pobre, mas teimoso em seu viço, emergiu nas redes alternativas e delas atingiu uma parte do imaginário nacional em imagens exuberantes.

O que elas contam é a arrebatadora história de uma fronteira onde o Brasil impos-

sível se mistura ao da esperança.

Colhidas ao longo da caravana na qual Presidente Lula percorre 25 cidades em nove estados do Nordeste, desde o dia 17 de agosto, as imagens estabelecem um contraste chocante com a estética e a agenda do país oficial.

Ambas são recortes da mesma realidade.

Essa, retorcida, convulsionada, exasperante, tal a distância estabelecida entre as suas partes contrapostas, a partir do golpe que agora completa um ano.

A dificuldade que tem a mídia conservadora de incluir os dois lados na sua pauta, e de contempla-los com o mínimo de equidade jornalística, ilustra o asfiantante esgotamento do sistema de representação do conflito social na democracia brasileira.

Não há nesse momento nenhuma dimensão institucional na qual o Brasil possa se enxergar por inteiro na diversidade de seus interesses e possibilidades.

Nem o conservadorismo, essa é a verdade, se identifica plenamente com a sua representação golpista.

Ademais do habitual oportunismo, as dissidências no interior do PSDB refletem esse descompasso.

De um Congresso vocalizado pelo repertório do boi, da bíblia e da bala, tampouco se espera a modulação das partes em um todo que contemple o interesse mais geral da nação e do seu desenvolvimento.

Falta ar democrático nos pulmões da nação.

Alvo-síntese da gigantesca asfixia em marcha, Lula respondeu ao seu pretendido velório com um salto para a vida que está desconcertando seus coveiros de togas e pautas.

No histórico anseio nordestino por inclusão, o retirante de Garanhuns que se tornaria o maior líder popular da história brasileira, foi escancarar a existência de uma nação irredutível à estreiteza do projeto conservador imposto ao conjunto da sociedade.

O resultado é um transbordamento arrebatador.

Tudo o que se pretendia envazar e lacrar por pelo menos vinte anos, como preconiza a purga do teto fiscal, jorra em tintas de um vigor que cativa e desarruma a narrativa da ordem usurpadora.

O fato é que o morto, esse Brasil abduzido dos noticiosos, não apenas respira.

Ele irradia a teimosa demanda por uma vida melhor e nisso converge o seu repto ao de Lula.

Impactos semelhantes ao desse transbordamento itinerante tiveram também, para

citar duas referências históricas, a Coluna Prestes, nos anos 20, e a Marcha sobre Washington, organizada há 54 anos (agosto de 1963) por Martin Luther King, que levaria 250 mil pessoas à capital norte-americana.

A multidão incomum que afluiu a Washington de todos os cantos do país exigia cidadania plena aos negros dos EUA.

Nos dois casos, o sistema institucional ao redor mostrava-se impermeável à expressão dos interesses externos aos círculos associados ao poder.

Nos EUA, embora as Emendas à Constituição (13, 14 e 15) tenham estendido cidadania e direito de voto aos negros desde o final da Guerra da Secessão (1861/65), na prática as barreiras da pobreza e do preconceito interditavam o caminho para a liberdade e a igualdade. O sistema político era funcional à exclusão.

A Coluna Prestes percorreria 25 mil quilômetros no Brasil nos anos 1925, 1926 e 1927, empurrada igualmente pelo duplo efeito ejetor de um sistema oligárquico fechado, ademais de varado por crise terminal.

A República Velha tornara-se incapaz de responder aos desafios sociais e econômicos de um país que deixaria de ser escravocrata, sem dispor ainda de uma representação política capaz de expressar a nova diversidade dos seus conflitos.

Essa deficiência impedia o país de repactuar o passo seguinte da economia e da sociedade, que se desdobrava em colapsos retroalimentados.

O engessamento transbordou nas revoltas oriundas do próprio estamento burocrático, refletindo uma circularidade ilustrativa da ausência de um projeto para a nação que emergia.

O Tenentismo foi a expressão fardada desse interlúdio convulsivo.

A Coluna Prestes, a versão épica de uma fuga para frente, só concluída quando o aguçamento da crise rachou o tenentismo e Prestes, anos depois, personificou um lado da resposta ao aderir ao marxismo.

Sendo uma mobilização em defesa de direitos negados e subtraídos, a exemplo das marchas de Luther King, mas também a expressão de um Brasil interditado pela obtusidade histórica das elites, como na República Velha, a caravana de Lula carrega também o carisma da esperança, num intermezzo histórico em que um ciclo de desenvolvimento se esgotou e outro precisa ser construído.

Sua marcha, porém, encerra singularidades não negligenciáveis.

Prestes, nos anos 20, a exemplo do Tenentismo, não tinha um projeto de nação no qual o povo se enxergasse e fosse visto --por ele inclusive-- como o protagonista decisivo do processo.

Sua coluna arregimentou adesões, mas não organizou a população por onde pas-

sava, nunca vista como o novo sujeito histórico.

A caravana de Lula tampouco se propôs, originalmente, a arregimentação popular para a luta por uma democracia social efetiva, que inclui mas vai além da eleição de 2018 na construção de um novo sujeito coletivo.

Talvez seja arriscado dizê-lo, mas as imagens insistem em sugerir.

Lula e a caravana foram surpreendidos – como de resto, todo o país.

Multidões imprevistas barraram a comitiva no interior nordestino, impedindo-a de prosseguir com impressionante recorrência e determinação, exceto depois de cumprido um acordo.

Qual?

Lula falar à gente do lugar.

Falar o que ele sempre disse e fez.

Mas que desde 31 de agosto de 2016, o golpe, sua mídia, seus colunistas engomados, os economistas de banco e suas prioridades argentárias decidiram sonegar.

Qual seja, o lugar do povo brasileiro no bonde da nação.

O que os barramentos queriam ouvir da voz rouca familiar é que o seu assento é um direito e será restituído.

Os fatos sugerem que a passividade meramente eleitoral talvez não seja mais o fio condutor desse anseio.

Vale recordar.

Um dos episódios mais emblemáticos da luta antirracista nos EUA deu-se em 1955, em Montgomery, na capital do Alabama,

Uma negra, Rosa Parks, ocupou um assento nas fileiras intermediárias do ônibus e se recusou a ceder o lugar a um branco, como mandava a lei segregacionista do lugar.

Preso, Rosa ganharia a solidariedade de um massivo movimento civil liderado, entre outros, por Martin Luther King.

Um ano depois, os negros conquistariam o direito de ocupar qualquer assento nos coletivos de Montgomery.

O que o golpe está dizendo – e o país sertanejo parece determinado a não aquiescer clamando por alguém que o desmintam – é que o povo brasileiro, a vasta maioria da sociedade, incluindo-se boa parte das camadas médias, deve ceder seu lugar no ônibus do desenvolvimento.

Para quê?

Para preservar a segurança e o conforto da riqueza e do poder em mais uma transição turbulenta da história nacional.

As cenas observadas no interior sertanejo sugerem a possibilidade de uma outra coisa.

Possivelmente um horizonte mais amplo de participação, e mais profundo na resposta à crise, do que o teto previsto pelo calendário eleitoral de 2018, ainda que sem excluí-lo.

A mídia conservadora desdenha dessa que talvez seja a novidade política capaz de sacudir o tabuleiro de um golpe que apenas aguardaria a condenação agalopada de Lula para consagrar seu xeque-mate contra o povo e o país.

Esse lance derradeiro do jogo viciado talvez não seja mais suficiente.

As manifestações populares no caminho de Lula podem indicar que a suposta passividade atribuída ao povo brasileiro talvez decorra muito mais da falta de um catalisador convincente – originalmente até involuntário, neste caso - do que da prostração decorrente do conformismo ou da indiferença com a própria sorte e o destino do Brasil.

O transbordamento nordestino adiciona outras variáveis importantes à equação sobre a qual o conservadorismo imaginava ter controle absoluto.

O jogo está longe de terminar, é um primeiro ponto.

Mesmo que Lula seja barrado na cédula de 2018 – como se planeja desde o início - seu carisma e poder de liderança demonstram inegável resiliência, ademais de ecoarem junto a uma juventude atenta que prestigia a caravana em cada parada. Como ele mesmo diz: se não for candidato, será o mais poderoso cabo eleitoral da disputa de 2018. Ponto pacífico.

Mais que isso: preso, tornar-se-á o símbolo carismático da injustiça social e política a ser apeada. Pelo voto ou pela rua.

Há outras novidades afloradas sob o sol do sertão.

Lula continua a ser o líder popular de extração sindical que acredita na necessidade da mobilização e da negociação para empurrar a fronteira da justiça social e da correlação de força em cada ciclo de luta.

A altura do sarrafo, porém, pautada pela origem de berço e de aprendizado político, mudou de novo.

As causas e consequências do golpe, ruminadas durante um ano de cerco impiedoso a ele, à família, ao PT, ao governo Dilma e ao seu legado afloraram em brotos verdes sob o sol sertanejo.

Lula é um mestre da tradição oral. Pensa falando e fala pensando, talento de poucos - Brizola era um caso - que dá fluência magnetizadora à oratória.

O que ele pensou e disse às multidões que acorreram generosamente para ouvi-lo

revela sinapses amadurecidas, que esperavam o calor dos discursos massivos para aflorarem.

Um futuro governo popular –seu ou com o seu apoio – buscará alianças, reafirmou mais e uma vez sua convicção.

Mas o discernimento da sociedade sobre os desafios do país, requisito para uma repactuação participativa do desenvolvimento –ou não haverá repactuação alguma e sim rendição ao mercado - não pode mais ser manipulado diariamente, advertiu, ‘pelas mentiras da Globo’.

Lula asseverou com todas as letras a determinação de atravessar um divisor sempre evitado desde 2003: vai regular a mídia.

Não abdica da interlocução ecumênica com o amplo espectro político do centro à centro-direita.

Subiu no palanque com Renan; jantou com a família de Eduardo Campos, foi elogioso a prefeitos do PSDB, como o de Ouricuri (CE), que o receberam com honras de chefe de Estado.

Mas vai revogar medidas antissociais e antinacionais tomadas pelo golpe, disse-o de novo explicitamente.

Porque acredita que só assim, com crescimento e soberania, será possível dilatar outra vez a fronteira da inclusão social, que persiste como o seu Norte, seu Sul, seu Leste e seu Oeste político.

Há mais.

Lula não subestima o poder de boicote do exército rentista.

Mas vai utilizar um pedaço das reservas para compor um fundo garantidor do investimento em infraestrutura, de modo a acionar a ignição do crescimento.

Vai perseguir a retomada do PIB, do emprego e da renda.

E o fará ainda que isso implique, de início, algum crescimento da dívida interna.

A ressalva pressupõe medidas mitigadoras desse impacto, seja pela negociação, seja pela redução do juro, seja por alguma forma de controle da conta de capitais para evitar a previsível chantagem cambial.

Terá que ser assim até que a recuperação da receita reequilibre o processo.

Alianças pontuais que a correlação de forças determinar ele as fará.

‘Quantos representantes dos sindicatos nós teremos no Congresso? Cinquenta?

Hoje são três. A bancada ruralista tem 240’, argumentou em entrevista em Pernambuco, questionado sobre o tema.

Ele as fará, mas sob o escopo da nova altura do sarrafo.

O conjunto sugere um líder em trânsito.

Sem abdicar de seu enraizamento negociador, Lula talvez chegue ao final da caravana receptivo ao broto mais viçoso da colheita nordestina.

Esse que define a mobilização e a organização popular como a variável-chave na reordenação democrática de um novo ciclo de desenvolvimento brasileiro.

Trata-se de um passo crucial.

Já no final do primeiro mandato da Presidenta Dilma, a quilha da governabilidade progressista gritava a necessidade de outro mix entre a rua e a negociação parlamentar.

Gargalos clamavam a necessidade de mudar o lastro para o exercício do poder – e isso implicava uma recomposição de prioridades, mas sobretudo do método de luta.

A política fiscal contracíclica havia esgotado seu fôlego diante de uma persistente desordem global do neoliberalismo. A escolha de um ajuste rápido baseado em aperto de gastos e desvalorização cambial – para crescer ancorado em exportações, subestimaria a natureza sistêmica da crise internacional e a voracidade da conspiração doméstica

Ao negligenciar a dimensão política do impasse econômico, o governo perdeu o lastro junto ao empresariado sem ampliá-lo no campo popular.

O golpismo nativo – ademais do Departamento de Estado e suas sucursais no país – farejou a deriva.

A aliança da mídia com a escória, o dinheiro e o judiciário fez o resto.

A exata compreensão da encruzilhada que propiciou o golpe de 31 de agosto tornar-se-ia assim uma questão de vida ou morte à retomada da iniciativa popular, que inclui 2018, repita-se, mas vai além da urna, imperiosamente.

A caravana nordestina talvez tenha trazido a energia necessária para fazer girar essa roda da história - na cabeça de Lula e nas fileiras progressistas que o tem como referência.

O desafio não é pequeno.

A agenda antissocial e antinacional do golpe terá que ser afrontada por bandeiras e projetos, mas sobretudo por formas de organização que ofereçam ao conjunto da sociedade uma nova referência crível de futuro e estabilidade para a economia, o seu cotidiano e a sua esperança.

Foi essa conjunção que talvez tenha começado a fazer sentido na atilada intuição de Lula ao se deparar com o cerco das multidões num roteiro que escolheu as estradas de um Brasil normalmente ignorado nas incursões aéreas dos políticos.

O requisito subjacente a essa mutação é o desassombro para enxergar o esgota-

mento de um ciclo e as balizas que podem pavimentar o próximo.

Entre elas, como já se disse neste espaço, inclui-se o requisito de trazer uma parte da classe média brasileira para fora da agenda do golpe e assim estender as linhas de passagem entre uma nação dilacerada por fraturas imobilizantes e a repactuação do seu desenvolvimento.

A 'caravana' capaz de semear esse broto verde nos redutos da classe média precisa ser construída.

E não poderá se pautar pelo acanhamento se não quiser fracassar esfericamente. Contra a espiral descendente vivida pelas faixas de renda média, atingidas globalmente pela precarização do trabalho e o esgarçamento industrial, é inútil prometer uma 'volta' a um status que sustentou a afluência no pós-guerra.

Esse mundo de mobilidade ascendente de extratos de renda intermediária não voltará a existir.

Nem existirá um outro que compense sem uma reforma tributária corajosa que atinja o núcleo duro da riqueza, sobretudo a financeira.

Repita-se o que expôs em artigo recente o economista Sergi Gobetti: a classe média com renda de R\$ 7.000 mensais, na verdade é tão vítima da injustiça fiscal quanto os pobres. Proporcionalmente mais taxada que os ricos, ressentem-se, como os pobres, de um retorno equivalente em serviços públicos dignos e suficientes. Encontra-se nesse anseio sonogado a trilha da nova 'caravana' que desafia um futuro estirão progressista de repactuação do país com o seu desenvolvimento.

O gargalo mora mais acima.

Os verdadeiramente muito ricos formam hoje 0,05% da população brasileira ativa - detêm 8,2% da renda.

Juntamente com bancos e corporações, emprestam ao Estado o que deveriam pagar em tributos. Recebem em troca 6,9% do PIB em juros, todos os anos.

Sua riqueza é a contraface de uma dívida pública que avança para atingir 80% do PIB e ameaça engarrafar a nação em um formol de arrocho e carência constitucional, como quer o golpe.

É nesse sumidouro rentista que se degradam e escasseiam os serviços públicos, de cuja oferta e qualidade os pobres e a classe média reclamam com razão.

À descrença, ao medo, à incerteza e à angústia que fletam com o autoritarismo trata-se, portanto, de contrapor o horizonte de uma rede de segurança feita de justiça fiscal, serviços públicos e espaços públicos de inédita audácia e qualidade. Só recauchutar a máquina do desenvolvimento brasileiro, como em ciclos anteriores, não basta mais.

É preciso reorientar o seu rumo. A costura da travessia de excelência em serviços públicos, infraestrutura em expansão e aderência à revolução tecnológica envolve uma operação essencialmente política.

Alguém precisa querer tenazmente esse Brasil.

Ou seja, um sujeito coletivo que enxergue aí o requisito à vigência efetiva do arcabouço de direitos inscrito na Carta Cidadã de 1988, que o golpe quer destripar para tomar de volta o pedaço do PIB aí destinado à emancipação da cidadania brasileira.

A alternativa conservadora é regredir o eixo orçamentário para tornar a inclusão social tão rígida quanto o eletrocardiograma de um morto.

Os que hoje se avocam em depuradores da nação entendem desse açougue.

Eles sangraram Getúlio em 1954; sangraram Jango em 1964; sangrariam Lula em 2005 se não tivesse reagido; sangraram a Presidenta Dilma em 2016 até derrubá-la.

Esse retrospecto não endossa projetos exclamativos que descartem a negociação (entre interesses distintos, por definição) na longa marcha para se construir uma verdadeira democracia social no país.

Ao contrário.

É na renovada capacidade de arregimentar forças para liderar essa travessia, como se viu nos transbordamentos massivos em torno da caravana nordestina, que se reafirma o espaço de Lula à revelia dos seus algozes.

O passo seguinte da marcha ficou esboçado nos brotos verdes aflorados no sertão. Mas o economista Ianis Varoufakis, ex-ministro das finanças da Grécia, que experimentou na carne as feridas de uma negociação com o capital na era da globalização, extraiu dessa experiência uma lição histórica que serve agora de referência ao desafio posto diante do povo brasileiro e de sua principal liderança:

‘Só tem algo a negociar quem está preparado para romper’.



Cândido Mendes: “Lula representa a primeira – e talvez única – saga de nossa população”

Blog do Zé Dirceu – Fevereiro de 2009

Poucos entenderam o significado da liderança de Lula como o sociólogo Cândido Mendes, atualmente com 85 anos (irmão do Arcebispo Dom Luciano Mendes de Almeida, já falecido), que foi um dos fundadores do PSDB, mas que nos últimos anos se aproximou do PT.

Cândido Mendes afirmou em entrevista ao Blog do Zé Dirceu: “A grande realidade política hoje do país é o que se chamaria esta ‘subversiva’ popularidade do presidente. É um laço de identidade absolutamente inovador que liga a liderança do presidente a seu apoio, hoje, a saltar inclusive da nucleação do país destituído que chegou com ele ao Planalto. Enganam-se também os que querem atribuir este sucesso a um carisma do presidente. O impacto de Lula nada tem a ver com uma adesão irracional ou, com a delegação irrestrita de mando a um Messias ou a um enviado, como protagonizou o país, por exemplo, na eleição de Collor”.

O sociólogo completa: “Trata-se de um fenômeno de um inconsciente coletivo que

alguns tolos confundem com um irracional" (...) "O segredo de Lula está nesse olho no olho da sua gente e na capacidade sempre de se o reconhecer tal como chegou ao Planalto na primeira grande – e talvez única – saga da nossa população".

Foi esta análise que fez com que Cândido Mendes fosse um dos poucos intelectuais brasileiros a prever no auge da crise política, em julho de 2005, que Lula manteria a sua liderança preservada e sairia vitorioso da disputa eleitoral de 2006.

O presidente da mudança

Em entrevista ao Correio Brasiliense (03/12/2006), Mendes volta a fazer uma avaliação precisa do significado do governo comandado pelo petista.

"Lula fica na história por ter sido o presidente da mudança e da consciência da mudança, que não pode jamais ser exprimida pelo Brasil oficial. Quem mudou, sabe disso. E Lula conseguiu se identificar com isso de uma maneira extraordinária. Não há nada de carismático em Lula. Ele é a expressão de uma identidade ligada à condição de mudança. É o companheiro, não é o líder. Isso precisa ficar muito claro. Ele é o cidadão da prodigalização do espetáculo e desse absoluto companheirismo. Nesse sentido se vê a distinção de um personagem carismático, ainda que apodrecido, como Collor. O carismático é um líder, ele assume a expectativa, não dá mais conta dela e vai em frente. A política de Lula é o contrário do populismo. Esse é o lulismo: a política de melhoria social independente da relação de emprego numa sociedade de classes".



Emir Sader: “Quase se pode dizer: diga-me o que você acha do Lula e eu te direi quem és”

Carta Maior – 07/08/2010

Título original: O escândalo Lula

Quem olhasse para o Brasil através da imprensa, não conseguiria entender a popularidade do Lula. Foi o que constatou o ex-presidente português Mario Soares, que a essa dicotomia soma a projeção internacional extraordinária do Lula e do Brasil no governo atual e não conseguia entender como a imprensa brasileira não reflete, nem essa imagem internacional, nem o formidável e inédito apoio interno do Lula. Acontece que Lula não se subordinou ao que as elites tradicionais acreditavam reservar para ele: que fosse eternamente um opositor denunciante, sem capacidade de agregar, de fazer alianças, se construir uma força hegemônica no país. Ficaria ali, isolado, rejeitado, até mesmo como prova da existência de uma oposição – incapaz de deixar de sê-lo.

Quando Lula contornou isso, constituiu um arco de alianças majoritário e triunfou, lhe reservavam o fracasso: ataque especulativo, fuga de capitais, onda de reivindicações, descontrole inflacionário, que levasse a população a suplicar pela volta dos

tucanos-pefelistas, enterrando definitivamente a esquerda no Brasil por vinte anos. Lula contornou esse problema. Aí o medo era de que permanecesse muito tempo, se consolidasse. Reservaram-lhe então o papel de “presidente corrupto”, vítima de campanhas orquestradas pela mídia privada – como em 1964 -, a partir de movimentos como o “Cansei”. Ou o derrubariam por impeachment ou supunham que ele pudesse capitular, não se candidatando de novo, ou que fosse, sangrado pela oposição, ser derrotado nas eleições de 2006. Tinham lhe reservado o destino do presidente solitário no poder, isolado do povo, rejeitado pelos “formadores de opinião”, vítima de mais um desses movimentos que escolhem cores para exibir repúdio a governos antidemocráticos e antipopulares.

Lula superou esses obstáculos, conquistou popularidade que nenhum governante tinha conseguido, o povo o apóia. Mas nenhum espaço da mídia expressa esse sentimento popular – o mais difundido no país. O povo não ouve discursos do Lula na televisão, nem no rádio, nem os pode ler nos jornais. Lula não pode falar ao povo, sem a intermediação da mídia privada, que escolhe o que deseja fazer chegar à população. Nunca publica um discurso integral do presidente da República mais popular que o Brasil já teve. Ao contrário, se opõem frenética e sistematicamente a ele, conquistando e expressando os 3% da população que o rejeita, contra os 82% que o apóiam.

Talvez nada reflita melhor a distância e a contraposição entre os dois países que convivem, um ao lado do outro. Revela como, apesar da moderação do seu governo, sua imagem, sua trajetória, o que ele representa para o povo brasileiro, é algo inassimilável para as elites tradicionais. Essa mesma elite que tinha uma imensa e variada equipe de apologetas de Collor e de FHC, não tolera o fracasso deles e o sucesso nacional e internacional, político e de massas, de um imigrante nordestino, que perdeu um dedo na máquina, como torneiro mecânico, dirigente sindical um Partido dos Trabalhadores, que não aceitou a capitulação ou a derrota.

Lula é o melhor fenômeno para entender o que é o Brasil hoje, em todas as posições da estrutura social, em todas as dimensões da nossa história. Quase se pode dizer: diga-me o que você acha do Lula e eu te direi quem és.



Cândido Mendes: “Com Lula foi todo um inconsciente coletivo que chegou ao poder, que transborda de suas representações clássicas”

Na crise de 2005/2006, toda a direita previu o fim do governo Lula e, mesmo na esquerda, esta era uma avaliação também quase unânime. Cândido Mendes, um dos fundadores do PSDB, que se aproximou do PT, foi um dos intelectuais que apostou em Lula. Em um texto épico escrito no auge da crise de 2005, ele demarcou com a esquerda e com a direita, com “o situacionismo e oposicionismo tradicionais”; afirmou que as análises de esquerda e direita estavam erradas porque “olhavam o Brasil com os olhos do passado”.

Folha de S.Paulo – 22/07/2005

Título Original: Lula, depois de Lula

Bresser Pereira vem nos dar, nestas páginas, a análise talvez mais contundente da crise atual do sistema, batendo a sonda toda. Estaríamos a pique de uma crise de legitimação capaz de atingir as bases sociais do governo e as previsões tranqüilas, de início, de reeleição. Não nos poupa do veredicto letal: o governo Lula acabou.

Pode continuar na rotina, já que golpe não existe, nem quebra do mínimo de virtude administrativa para entregar a faixa e os anéis do próximo mandato. O bisturi do sociólogo investiga o suporte de classes ao Planalto, nesse apoio a se desmoroar, e agrega, na faixa de perigo, a pequena classe média capitalista, a burocracia de Estado e o mundo empresarial, rendido, pela primeira vez, à avalanche eleitoral de 2002.

Dentro do sistema continuam os beneficiários dos juros altos, a ribalta em festa perpétua da finança e esse vasto e vago porão do dito apoio do povo. Mas, na soma das parcelas, os prós e contras pelos quais, na conta de Bresser, acabou o regime, não respondem, entretanto, pelo todo. Não obstante a irrupção da crise das CPLs nestas semanas, a avaliação positiva do presidente passou de 57,4% para 59,9%, de maio para julho, e a avaliação do governo como ótimo ou bom oscilou positivamente para 36%. Por certo as variações virão nos próximos dias, mas o dado básico é que os escândalos anunciados não têm o impacto avassalador sobre o núcleo básico do apoio popular a Lula, não comprometendo a viabilidade da reeleição.

O Brasil de salão continua a considerar os vaticínios sobre a opinião pública como seu animal de estimação. Só que não internalizamos a profunda diferença, hoje, de apoio do dito povo ao presidente. Foi todo um novo inconsciente coletivo que chegou ao poder, atarantado até pelo seu êxito, no espetáculo da tomada de posse no Planalto em 2003.

Esse sentimento, ao mesmo tempo pletórico e irreduzível, continua sob o fascínio presidencial e se remunera pela enorme e única carga simbólica da chegada lá. Por mais que o velho moralismo se alevante e volte à água de barrela das comissões de inquérito, um próximo pleito será visto por esse Brasil de fundo como as tentativas de desmonte e de forra do país apeado do poder nas últimas eleições. Tal como essa contabilidade de classes e seus votos das previsões políticas tradicionais não põem a nu todo o peso real de voto para o novo pleito. Isso porque, após o acesso simbólico dos excluídos ao poder, deparamos o quanto a consciência desse fato desbarata os jogos do situacionismo e oposicionismo tradicionais.

Um vetor novo da coisa pública rompe a ronda da representação de interesses só compatíveis com o país oligárquico. A avalanche de Lula - essa que mantém íntegra a sua base e reeleição - nasceu da percepção da vitória diferente e se nutre dessa primeira fruição, independentemente dos resultados do governo. Não a atingem o desemprego, o vaivém da reforma agrária, os ganhos do Fome Zero ou do inédito do crédito para o miniempresário, que hoje começa a se espalhar no Brasil.

Não funciona a lógica das predições da queda da legitimação tradicional, para a do desgarre da base social de um governo, nessas condições tão específicas de acesso de Lula à Presidência. O país de agora não incorporou, ainda, a expectativa e a paciência do voto nascido desse inconsciente coletivo que transborda das representações clássicas ou de suas crises de legitimidade. O que lhe importa é a identificação primária com o presidente no Planalto, e que lá está por sua vontade. Sua decepção não é a dos desgostos de ocasião dos velhos donos do poder.

O governo Lula fracassa ou sobrevive numa outra onda de efetiva consolidação nacional, e não será pelos amuos óbvios, previstos pelo Brasil de dantes, que se reduzirá a força política para a verdadeira empreitada do Planalto.

O que se arrisca, sim, pelo "golpismo branco" é atrasar as tarefas objetivas do a-que-veio o PT, vencida a fase de estabilização para pôr-se à obra. Se o instinto de senso político do presidente o fez optar pelo sucesso da estabilidade - talvez em demasia -, tal só lhe obriga agora aos projetos efetivos de mudança. Mas seu atraso não modifica a balança da opção popular de 2002.

O Lula, visto como perseguido, só amplia o paradoxo do reforço dessa adesão primária, que espera, recupera e tem outra agenda para reconhecer o país da diferença. E a resposta do PT, inquirido pela perspectiva do Brasil dos cartolas, não vai ao penitenciário das autocríticas, mas à conservação desse pacto profundo, que hoje consolidou, na sua força simbólica, a virada de página.

Não é pela aceitação do papel de vítima que o presidente entrará num jogo que não é seu. Sabe onde avança a sua iniciativa histórica. O passo adiante pede, sim, a disciplina férrea de decidir a expectativa do país que com ele entrou no Palácio do Planalto em 2003; que fruiu, então, de uma primeira cidadania vingada; que vai à reeleição, nas suas contas com o presidente e, nesse estrito pacto de esperança, sem o profissionalismo da catástrofe à minuta.



Saul Leblon: “Marisa e Lula abriam a porta de sua casa para uma visitante ilustre: a justiça social”

Aos 25 anos, a senhora que hoje luta pela vida, abriu a porta de sua casa a uma visitante ilustre, para nunca mais fechá-la: a luta por um Brasil mais justo.

Carta Maior – 30/01/2017

Chegará o dia em que o enredo pronto que existe dentro da legenda ‘Marisa e Lula’ merecerá o olhar de um cineasta brasileiro.

Um diretor atento a um Brasil contra o qual a mídia sempre manteve, e intensificou, uma relação depreciativa, mais belicosa e obsessiva que a dispensada agora aos veículos de comunicação por Trump, enxergará neles a personificação de um dos períodos mais generosos e vitais da vida nacional.

O improvável revestirá os passos iniciais na trajetória deste casal de trabalhadores no maior polo industrial do Brasil.

Um homem e uma mulher de origem simples, jovens mas viúvos, apetrechados no máximo de um cristianismo ingênuo a revestir a luta pela sobrevivência, um dia abriram a porta de sua casa a uma visitante ilustre, para nunca mais fechá-la.

Era a história.

E ela os arrebatou.

Surpreendentemente, porém, e nisso reside o magnetismo da trama há léguas de ser uma fábula de seres perfeitos, também foi arrebatada por eles, com todos os riscos inerentes a uma coisa e outra num dos períodos mais turbulentos da vida nacional.

Estamos no Brasil de 1974, em plena ditadura militar.

Nesse enredo de carne e osso as cenas se desenrolam quase prontas aos olhos de quem quiser enxergá-las.

É uma história de resistência e luta, de coragem e medo, curtida em derrotas e superação, temperada de doses de grandezas e fraquezas, cuja soma conflituosa afronta a prateleira do previsível e do edulcorado para arrombar a fronteira que dividia o passo seguinte do país.

Contra todas as probabilidades eles não foram derrotados pela avalanche que recobriria seu destino pelo resto da vida.

Marisa e Lula afrontaram a hierarquia inoxidável do mundo burguês, patronal e conservador e também do universo pequeno burguês no qual poderiam ter se acomodado na ampla sala de estar reservada aos mansos.

Para a surpresa de uns – deles mesmos, talvez - e horror de outros, lograram tomar as rédeas do cavalo xucro da histórica que passou na sua frente, mudando a direção dele e o enredo de suas vidas

Estão juntos há 43 anos assim. Sem parar o trote agalopado.

Um ano depois de se casarem, em 1975, Lula seria eleito presidente do mais estratégico sindicato de trabalhadores do país, inserido no maior polo automobilístico da América Latina.

Lula assumiu o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo quando o general Geisel era o ditador do Brasil.

O país ingressava num ciclo vertiginoso de luta por democracia e de levantes operários contra o arrocho econômico e sindical.

O ABC era o coração da impaciência operária. Mas a opressão patronal assegurada pelos militares empurrava velozmente a reivindicação salarial para a confrontação política.

Não era o que eles preconcebiam. Longe disso. Mas era o que se impunha como um efeito dominó a cada passo do embate.

Pois bem, Marisa e Lula não se deixaram encurralar pelos repetidos chamados do toque de recolher que dispara na vida de um casal nas situações de perigo que

ameaçam o teto e a prole.

Logo, muito logo, nas mãos de Lula, o Sindicato dos Metalúrgicos ficaria nacionalmente conhecido como uma das principais fortalezas da frente ampla de luta por liberdades democráticas que se esparramava pelo país irradiando a audiência da voz rouca do mar ao sertão.

As ruas eram uma extensão dessa consciência que se adensava contra o que não era mais tolerável, a censura, a tortura, a repressão, o arrocho, enfim, a interdição do futuro na vida de uma nação.

O lar de Marisa, 25 anos, e Lula, 30 anos, foi arrebatado por esse turbilhão da história que entrou pela sala, logo estava na cozinha tomando sopa de madrugada, esparramou colchonetes e fez dali um acampamento de prontidão permanente por democracia e justiça social.

Era assim a casa de Marisa recém-casada.

Ou melhor, a casa da senhora hoje com 66 anos e uma hemorragia cerebral - que respira por aparelhos na UTI de um hospital, em cuja entrada o ódio escarnece de seu drama e ergue cartazes em que pede a prisão de seu marido.

Sua casa tornou-se uma arriscada trincheira da luta por democracia e justiça social, num tempo em erguer cartazes por democracia e justiça social dava cadeia, não raro, pancada e tortura.

O lar dessa senhora em coma induzido era um gigantesco cartaz de audácia operária na noite do Brasil.

O filme à espera de um diretor abriria com a leitura vagarosa dos estandartes de ódio, solitários, mas exclamativos de um sentimento incontido das elites e do seu entorno contra tudo o que se refira àquela casa, à mulher e ao homem que a partir dela os desafiou e venceu.

No ambiente frio da UTI desta São Paulo cinzenta de janeiro de 2017, o silêncio só é entrecortado pelos equipamentos que monitoram o metabolismo fragilizado pelo aneurisma rompido.

O boletim médico informa que o quadro da paciente Marisa Letícia é estável.

O que se luta para preservar ali, porém, é justamente algo que se mexe como a história e que por se mexer opõe-se ao cerco que pretende afogá-lo numa grande hemorragia de demonização e esquecimento.

O alvo é certo.

A memória é um pedaço do futuro.

A daquele período, sobretudo preciosa para o presente.

Não apenas para entender o Brasil atual, a partir dos protagonistas ora capturados

pela máquina avassaladora de picar e reconstruir reputações e legados deformando-os.

Não só para repor o que está sendo lixiviado, sangrado diariamente na mídia. Mas ela, a memória, também é crucial para repor o orgulho, a credibilidade, a confiança e, sobretudo, a faísca capaz de religar a esperança que respirava naquela casa onde brotariam as sementes do país que trinta anos depois vicejaria.

Esse que está sendo ceifado agora com rancor inaudito, um Brasil que ainda não somos, mas que poderemos ser no século XXI.

A metamorfose do improvável nas ruas do país naqueles primórdios contradiz o impossível hoje elevado à condição de permanente.

Não é hagiografia filmada.

É uma história real, de gente de carne e osso.

Que se entregou sem se perguntar onde era a porta de saída de volta à rotina, e o fez de peito aberto, pondo na mesa empregos, filhos, o presente e o futuro, numa aposta contra o estabelecido, com os riscos e a violência sabidos.

Gente comum se agiganta em circunstâncias incomuns, ao não recuar diante delas. Esse resgate feito de carne e osso é indispensável para repor a grandeza e as fraquezas da carne e do osso humano na fricção da história brasileira hoje sufocada pela mentira e o ódio.

Carta Maior recuperou uma das raras entrevistas em que a personagem que hoje luta pela vida em uma UTI, assim como lutou pela sua e a de milhões nesses 43 anos, rememora o seu olhar sobre os acontecimentos desse início, cujo epílogo persiste em disputa.

A resistência ao esquecimento é um pedaço dessa disputa.

A entrevista é de 2002, feita durante a campanha que levaria o PT pela primeira vez ao governo.

É atual porque devolve a Marisa o direito de se proteger daquilo que os indígenas mais temem diante de uma câmera: o roubo de alma.

Da alma da mulher que ia visitar o marido preso pela polícia política da ditadura sem fraquejar nem lhe pedir que fraquejasse; da esposa e mãe, sozinha, que, ao contrário de todos os prognósticos, quando o sensato era recuar e sumir, abriu a casa para ser o sindicato quando os três sindicatos de metalúrgicos do ABC sofreram intervenção na grande greve de 1979, coroada pelas lendárias assembleias de 60 mil pessoas no estádio da Vila Euclides; a alma da mulher que organizou com outras mães e esposas uma audaciosa passeata de mulheres e filhos em uma São

Bernardo tomada por tropas da repressão, em defesa dos maridos, dos operários e sindicalistas presos; a alma da Marisa que costurou a primeira bandeira do PT; e que se politizou assim, como protagonista de uma história feita com as próprias mãos, sobre a qual nem ela, nem ele, Lula, jamais seriam convidados a opinar se ficassem esperando o convite dos que agora tomaram se assalto a engrenagem e a reescrevem com fel, ferro e fogo.

Repita-se, não é uma elegia à pureza dos oprimidos.

É um enredo de luta entre opressores e oprimidos.

Nessa fricção, virtudes e defeitos se misturaram na implacável máquina de mastigação que é a experiência da política e do poder no capitalismo que eles encararam sem se despir da única armadura que sempre os acompanhou: a consciência de que viver é lutar.

A memória da senhora de 66 anos que hoje trava a batalha pela vida não vale pelo saldo de pureza que ela até possa externar.

Vale pelo legado desse percurso inconcluso.

Feito de instituições e direitos que ajudou a demarcar.

E de possibilidades que contribuiu para esboçar na vida brasileira.

É nesse legado que repousa a possibilidade deste país de presos degolados se tornar um dia uma sociedade virtuosa.

Pautada em pedra e cal por direitos entre iguais e por democracia entre diferentes, que só pode ser democracia se for levada às últimas consequências na repartição do bem comum.

Inclusive para garantir a expressão de quem hoje se posta diante do hospital onde Marisa e Lula travam a batalha de vida e morte para persistirem nessa busca.

E ali destilar a represália dos que rugem contra o enredo de filme à procura de um diretor que se desata aos nossos olhos à simples menção da legenda indivisa:

'Marisa e Lula'.



Luís Nassif: “Noblat, Lula e a sina dos homens comuns”

Jornal GGN – 04/03/2015

Recentemente, o colunista e blogueiro Ricardo Noblat escreveu um artigo sobre Lula. Trata-se de um dos mais significativos artigos dos últimos anos. Não para entender o fenômeno Lula, mas como material de estudo sobre como o senso comum da mídia o via.

Deixe-se de lado a bobagem de apresentar Lula como ameaça à democracia por convocar o exército de Stédile. É tão inverossímil quanto os 200 mil soldados das FARC que invadiriam o Brasil em 2002, em caso de vitória de Lula.

Fixemos nas outras características de Lula, apud Noblat: rude, grosseiro, desleal, por não ter defendido José Dirceu e Luiz Gushiken. Também despeitado já que, segundo Noblat, ele queria ser candidato em 2014 e Dilma não permitiu (não é verdade, mas não importa). Ou a ficção de que luta para enfraquecer Dilma - mesmo Noblat sabendo que o fracasso de Dilma seria o fim do lulismo. No ano passado cometeu o feito de chamar Lula de “moleque de rua”.

O que é fascinante em Noblat é o uso da fita de medir homens comuns aplicada em homens de Estado. Pois por aí ele reedita um fenômeno que marca a política

desde os tempos de César: a dificuldade do homem comum em interpretar o Estadista e os recursos para trazer o personagem ao nível da mediocridade (entendido aí do pensamento médio) do leitor.

Mais um vez recorro a Ortega y Gasset e seus portentosos ensaios sobre Mirabeau. Foi o homem que, na Constituinte, salvou a revolução francesa, apontando os rumos e definindo o novo desenho institucional.

Algum tempo depois morreu e seus restos mortais inauguraram o Panteon, que a França reservou para celebrar seus grandes homens. Aí descobriram o diabo da vida pregressa de Mirabeau. Aprontou todas na juventude, deflorou virgens, fugiu com mulheres casadas, deu tombos.

Imediatamente, os homens (comuns) de bem moveram uma campanha para retirar seus ossos do Panteon. E permitiram quase século e meio depois que Ortega traçasse perfis primorosos do Estadista, do homem comum (que ele denominava de pusilânime) e do intelectual.

O perfil do Estadista

O Estadista é um exagerado em tudo, um megalômano, dizia Ortega. Pois não é que Napoleão tinha a mania de grandeza de se imaginar Napoleão?. Só um megalomaniaco compulsivo tem a pretensão de mudar o Estado.

Não é tarefa para homens comuns, para intelectuais ou para santos.

O Estadista se propõe a desafios tão grandiosos que assusta os homens comuns - e é para eles que Noblat escreve e é como eles que Noblat pensa, derivando daí sua competência jornalística.

A dimensão que alcançam, influenciando no destino de países, mudando a vida de milhões de pessoas, de certo modo reescrevendo a história da humanidade, é tão ampla que intimida o homem comum. A única lealdade do Estadista é para com a mudança do Estado. Para alcançar seu objetivo, mete-se no barro, monta acordos com Deus e o diabo, deixa a educação e o pudor de lado, sempre que atrapalharem a busca do objetivo maior.

O homem comum enxerga um vulto enorme à sua frente e, para poder encará-lo, tem que trazer o monstro para a sua dimensão e julgá-lo de acordo com a sua métrica de homem comum: é educado ou grosseiro, tem ou não tem estudo, cospe no chão, conta piadas grosseiras, é desleal com amigos etc?

O tamanho de Lula

Como imaginar que um retirante, que sobreviveu à mortalidade infantil, à misé-

ria, à fome, à falta de instrução tenha conseguido o feito de tirar 40 milhões de pessoas do nível da miséria, mudar a história do seu país, provocar comoção em cidadãos de todas as partes do mundo, dar aulas de política para centrais sindicais norte-americanas, para o Partido Socialista francês e espanhol, ser tratado como “o cara” por Barack Obama, tornar-se referência global da luta contra a miséria e um dos personagens símbolos mundiais do século 21?

Não é bolinho. Então toca trazê-lo para nossa dimensão, de mortais comuns.

Como diz o José Nêumane, nosso colega que até hoje não mereceu uma menção sequer de Obama, Lula nem sabe falar direito, erra nos verbos. Como é que o Nêumane, o Noblat, eu mesmo, tão mais instruídos, não conseguimos mais destaque na vida e no mundo que aquele nordestino analfabeto?

Faz bem Noblat em tratar Lula como “moleque de rua”.

Não é fácil captar e tentar entender fenômenos desse tipo, ainda mais para nós, jornalistas, pobres mortais que, quando muito, atingimos algumas dezenas de milhares de leitores.

E aí só nos resta encontrar medidas à altura do alcance da nossa visão. Ao contrário da bailarina do Grande Circo Místico, Lula deve arrotar na mesa, coçar o saco, contar piada suja e até mostrar a língua. Noblat condena Lula por ser brusco nas reuniões com companheiros. Tenho a impressão que a sensibilidade de Noblat se arrepiaria toda se assistisse a fineza de Lula em uma assembleia de metalúrgicos. Mais que isso. Desde os tempos antigos, o Paulo de Tarso Venceslau já falava da falta de escrúpulos de Lula para utilizar as prefeituras do PT para fortalecer o partido. No governo negociou com a Telemar, a Friboi, as empreiteiras, com o Sarney e o Renan, com o diabo.

Se tiver que jogar companheiros ao mar, em nome da missão maior, Lula jogará. Aliás, tenho a impressão que o próprio José Dirceu entendeu perfeitamente a omissão de Lula na defesa dos companheiros – e ele, Dirceu, faria o mesmo se estivesse na sua condição.

Tem mais. Quando lhe interessa politicamente, Lula é capaz de se desdobrar em mesuras para jornalistas, empresários ou políticos. Quando não interessa, não tem nem agenda. Tem razão o Noblat: é um grosseirão!

No entanto, quem mudou o Brasil e se tornou a referência para o mundo? Fernando Henrique e sua falsa compostura (quem já encontrou FHC em ambientes sociais sabe bem qual o seu comportamento quando via moça bonita pela frente)? Suplicy? A Madre Tereza de Calcutá?

Dos defeitos e da visão

Dizia Ortega y Gasset que um Estadista deve ser analisado e julgado por suas qualidades e defeitos enquanto Estadista. Aliás, quase a mesma coisa que o marechal Cordeiro de Farias disse a Thales Ramalho, quando este, para lhe puxar o saco, desandou a falar mal de Luiz Carlos Prestes: “Apenas um personagem da história pode falar de outro”.

FHC e José Serra – que são mais estudados que Noblat – encantavam-se por terem constatado, neles próprios, algumas características dos grandes estadistas: no caso de Serra, a falta de escrúpulos, que ele justificava recorrendo sempre a esse ensaio de Ortega y Gasset; no caso de FHC, à capacidade de iludir políticos, que ele encontrara também em Roosevelt.

Faltou um detalhe essencial para se equipararem aos grandes estadistas: a visão de Estado. Imitaram apenas a falta de escrúpulos e de sinceridade. Mas sabem usar bem os talheres na refeição. E é isso que conta para os homens comuns. Noblat já tem experiência e idade suficientes para não acreditar em contos de fada e nos cavaleiros sem mácula e sem medo. Ainda mais frequentando um castelo de homens tão puros e piedosos, quanto os das Organizações Globo, que tem um senso de realpolitik muito maior que o de Lula, mas em proveito próprio.



Walquíria Leão Rego: Lula, com o Bolsa Família, enfraqueceu o coronelismo e rompeu cultura da resignação

Entrevista à Folha de S.Paulo – 12/06/2013

O Portal da Folha, de 12/06/2013, realizou uma importante entrevista com a socióloga Walquíria Leão Rego, que lançou o livro *Vozes do Bolsa Família*. Ela afirma: “Dez anos após sua implantação, o Bolsa Família mudou a vida nos rincões mais pobres do país: o tradicional coronelismo perde força e a arraigada cultura da resignação está sendo abalada”. É isto uma das principais contrariedades da elite reacionária com Lula. Veja a seguir os principais trechos da entrevista.

Nossa elite é muito cruel. “Nossa elite é muito cruel. Tem uma crueldade no modo como as pessoas falam dos pobres. Daí aparecem os adolescentes que esfaqueiam mendigos e queimam índios. Há uma crueldade social, uma sociedade com desigualdades tão profundas e tão antigas. Não se olha o outro como um concidadão, mas como se fosse uma espécie de sub-humanidade. Certamente essa crueldade vem da escravidão. Nenhum país tem mais de três séculos de escravidão impunemente”. (...) “A elite brasileira acha que o Estado é

para ela, que não pode ter esse negócio de dar dinheiro para pobre. Além de o Bolsa Família entrar na Constituição, é preciso ter outras políticas complementares, políticas culturais específicas. É preciso ter uma escola pensada para aquela população. É preciso ter outra televisão, pois essa é a pior possível, não ajuda a desfazer preconceitos. É preciso organizar um conjunto de políticas articuladas para formar cidadãos”.

A democratização da democracia brasileira. “Ocorreram transformações nas relações familiares. De repente se ganha uma certa dignidade na vida, algo que nunca se te ve, que é a regularidade de uma renda. Se ganha uma segurança maior e respeitabilidade. Houve também um impacto econômico e comercial muito grande. As mulheres são boas pagadoras e aprenderam a gerir o dinheiro após dez anos de experiência. Não acho que resolveu o problema. Mas é o início de uma democratização real, da democratização da democracia brasileira. É inaceitável uma pessoa se considerar um democrata e achar que não tenha nada a ver com um concidadão que esteja ali caído na rua. Essa é uma questão pública da maior importância”.

O coronelismo foi enfraquecido com o Bolsa Família. “O Bolsa Família enfraqueceu o coronelismo. O dinheiro vem no nome da mulher, com uma senha dela e é ela que vai ao banco; não tem que pedir para ninguém. É muito diferente se o governo entregasse o dinheiro ao prefeito. Num programa que envolve 54 milhões de pessoas, alguma coisa de vez em quando [acontece]. Mas a fraude é quase zero. O cadastro único é muito bem feito. Foi uma ação de Estado que enfraqueceu o coronelismo. Elas aprenderam a usar o 0800 e vão para o telefone público ligar para reclamar. Essa ideia de que é uma massa passiva de imbecis que não reagem é preconceito puro”. (...) “O coronel perdeu peso porque ela adquiriu uma liberdade que não tinha. Não precisa ir ao prefeito. Pode pedir uma rua melhor, mas não comida, que era por ai que o coronelismo funcionava. Há resíduos culturais. Ela pode votar no prefeito da família tal, mas para presidente da República, não”.

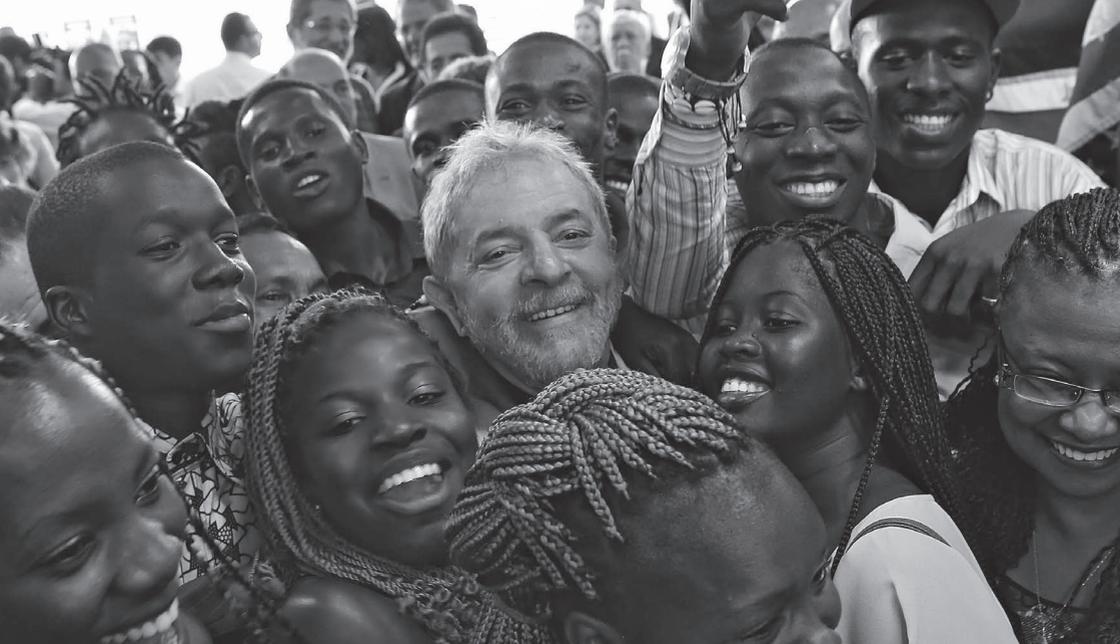
Bolsa Família é o início da superação da cultura da resignação. “A cultura da resignação foi muito estudada e é tema da literatura: Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, José Lins do Rego. Ela tem componente religioso: ‘Deus quis assim’. E mescla elementos culturais: a espera da

chuva, as promessas. Essa cultura da resignação foi rompida pelo Bolsa Família: a vida pode ser diferente, não é uma repetição. É a hipótese que eu levanto. Aparece uma coisa nova: é possível e é bom ter uma renda regular. É possível ter outra vida, não preciso ver meus filhos morrerem de fome, como minha mãe e minha vó viam. Esse sentimento de que o Brasil está vivendo uma coisa nova é muito real. Hoje se encontram negras médicas, dentistas, por causa do ProUni (Universidade para Todos). Depois de dez anos, o Bolsa Família tem mostrado que é possível melhorar de vida, aprender coisas novas. Não tem mais o 'Fabiano' [personagem de "Vidas Secas"], a vida não é tão seca mais".

Maria Rita Kehl: “O crime de Lula foi abalar o conformismo frente à desigualdade”

lula.com.br – 11/11/2016

“Os que condenam o presidente Lula sabem muito bem que ele não é corrupto. O crime imperdoável que ele cometeu foi abalar de uma vez por todas o conformismo da sociedade brasileira frente à miséria, à desigualdade, às injustiças sociais. Seus oito anos de governo não foram suficientes para erradicar essas três doenças sociais com as quais o povo brasileiro tinha se acostumado a conviver, quase conformado. Mas evidenciaram a falta de vontade política, a falta de coragem e de senso de justiça social características de todos os governos anteriores.” (...) “Os que condenam o presidente Lula não perdoam a maré de esperança e de engajamento, mobilizada durante seus dois mandatos. A condenação injusta do presidente Lula nos confronta com a mais grave forma de miséria que vitima a sociedade brasileira: a miséria da falta de sensibilidade, de solidariedade e de generosidade das nossas elites”.



Wanderley Guilherme dos Santos: “Destruir Lula é silenciar a voz dos pobres e dos humilhados. É inaceitável”

Segunda Opinião – 04/03/2016

Título original: Preparar para a hora do “basta”!

A investigação Lava-Jato está à beira de implodir em razão do delírio ideológico dos promotores e do juiz por ela responsáveis. A retórica desabrida, satanizando tolices, a desinformação e, pior, a antecipação de lances futuros, alguns fora da competência do juizado curitibano, dificultam a distinção do que é prestação de contas, propaganda, dissimulação e wishfulthinking. A palavra “indício”, por exemplo, deixou de “indicar” algo e passou a gigantesca evidência, como o enxofre, da inconfundível presença do demônio. O óbvio planejamento de intervenções espetaculares de acordo com a temperatura política, e o crescente atrevimento com a descabida e prepotente condução coercitiva do ex-presidente Lula da Silva, resultam da complacência das autoridades superiores, no Executivo, Legislativo e Judiciário. Trata-se de comportamento inquisitorial pré-concebido, insultando frontalmente as crenças cívicas da maioria dos pobres brasileiros e contaminando

negativamente as expectativas da população, em geral.

À falta de, até agora, comprovados crimes de acumulação econômica ilegal, por parte do ex-presidente Lula, policiais e procuradores transformam um inquérito da mais absoluta pertinência e tempestividade em malabarismos de sessão matinal circense em torno de pedalinhos, um sítio e um triplex. Ainda que fossem doados mediante recursos de uma “vaquinha” entre todas as grandes empreiteiras nacionais, e durante o mandato do ex-presidente, a questão é: e daí? – Sem comprovação de que alguma delas foi direta e ilegalmente beneficiada por intervenção do presidente (e não a mera suspeita, pois alguma sempre ganhará concorrências) aceitar os pedalinhos seria criticável, mas de limitado atentado à moral e ao patrimônio público. Ora, não só não apareceram provas, nem mesmo, ao que saiba oficialmente, delação de ninguém a respeito de nada, como os procuradores estão desviando o olhar da população do que é fundamental: a acumulação econômica ilegítima via predação de patrimônio e recursos públicos. Com o aplauso dos que consideram que delação justifica coação e até prisão estão dando cobertura ao diversionismo midiático, cúmplices dos ladravazes enriquecidos por acumulação econômica ilegítima.

Comparar o absurdo acúmulo pessoal de riqueza por parte de empresários, políticos e altos burocratas a um sítio supostamente presenteado a Lula, é sandice, péssima utilização do mandato investigativo que a sociedade lhes paga: onde estão as contas no exterior, coleções de obras de arte, veículos, propriedades rurais e urbanas para exploração econômica, viagens regulares por conta própria e passadio de primeira em Paris, Londres, Nova Iorque? Onde se esconde o acervo de joias de d. Mariza? E seu guarda-roupa de grife? Sítio em Atibaia e triplex em Guarujá que nem do casal são? Ora, trata-se de outra manifestação de preconceito, presumindo que Lula, de origem pobre, tisonaria sua dignidade e a da função que ocupou interferindo nas ações públicas por preço tão vil. Claro, corrupção mesmo, a sério, só para eles, bem nascidos e mal acostumados.

Os responsáveis pela investigação devem um balanço claro da Lava-Jato e da expectativa de prazos de conclusão. Claro que a descoberta de evidências (não “indícios”) provoca alteração em cronogramas, mas a existência de um quadro de referência é indispensável para que o jornalismo possa acompanhar e a opinião pública possa avaliar se estão sendo eficientes e produtivos ou meramente difamadores e garotos propaganda de televisão.

Com a coação física e moral do ex-presidente Lula os responsáveis pela Lava-Jato talvez venham a se revelar indignos dos privilégios que desfrutam. O ex-presi-

dente é um dos mais importantes recursos políticos dos miseráveis deste País, líder de governos capazes de provocar justamente esse ódio amparado em toga. Destruí-lo, seria uma derrota imensurável para os pobres e humilhados; destruí-lo injustamente, aproveitando os privilégios de classe e corporação, é inaceitável. Se for comprovada a precipitação e o infundado da coação ao ex-presidente, o insulto não poderá passar em branco. Juízes e procuradores deverão pagar pela ameaça em que se constituíram aos pobres do Brasil. Pedidos de desculpa serão insuficientes. Hora de preparação para o que estão pedindo. No grito, não mais.



Wanderley Guilherme dos Santos: “A direita não quer apenas derrubar Dilma, quer aniquilar, reduzir à invisibilidade os novos atores sociais surgidos a partir do governo Lula”

Nosso maior cientista político, Wanderley Guilherme dos Santos, advertiu para os riscos da derrubada da presidenta Dilma, mas se diz surpreendido com a velocidade dos acontecimentos. E diz que a direita não quer apenas derrubar Dilma, quer aniquilar, reduzir à invisibilidade os novos atores sociais. Atores sociais que emergiram no governo Lula e ampliaram-se no governo Dilma. Veja o seu depoimento que mostra o porque da enorme virulência para destruir Lula, porque todos sabemos que o que está sendo tentado não se volta apenas contra o ex-presidente, mas o que ele representa: a inclusão de milhões de brasileiros pobres.

Entrevista ao blog **O Cafezinho** - 06/05/2016

“A instabilidade estrutural brasileira já é bastante discutida, embora cada um tenha seus aspectos preferidos de ênfase. O que me surpreendeu foi da velocidade-

de com que aquela normalidade operacional da última década se desmanchou". (...) "A presidente Dilma tomou posse no dia 1º de janeiro e no dia 3 de janeiro, ou na semana seguinte, o candidato derrotado Aécio Neves denunciava e pedia impedimento e ninguém dava bola. Eu não me recordo de alguém que levava a sério aquele pedido ou que achasse que isso tivesse chances de ser bem sucedida, considerando o número de obstáculos que essa tese teria que vencer. Mesmo a imprensa conservadora, em um primeiro momento não teve coragem de assumir uma postura como essa. Também os partidos que apoiavam a presidente na Câmara, que acabavam de ser eleitos, e conformando a base, a primeira reação não foi aceitar. Ninguém considerou essa hipótese como realista de ocorrer. Acontece que em três meses já estava resolvido. Então, isso me surpreendeu. Me surpreendeu o acúmulo de ressentimento, o acúmulo de rejeições, de contestações somadas dentro da sociedade brasileira, suficientes para, em três meses, transformar essa demanda absolutamente isolada e ressentida do candidato derrotado em uma demanda dentro da sociedade por uma quantidade razoável de pessoas. É preciso não desconsiderar a extensão com que as pessoas não só aceitaram como passaram a reivindicar. Hoje não é mais só moda do Aécio Neves, até porque ele já deixou de ser o comandante desse processo. Isso me surpreendeu: a extensão dessa clivagem, desse acúmulo de receios de todo o tipo (econômico, social), aquilo que se comentava que a classe média estava impaciente e desgostosa com o aparecimento de figuras estranhas nos aeroportos. Isto não era apenas um desconforto. Quando teve a oportunidade de se manifestar, se manifestou como um desejo de aniquilamento. Do ponto de vista de uma grande camada social, o desejo não é só de tirar a presidente, é de aniquilar, reduzir à invisibilidade todos esses novos atores sociais que passaram a estar nos lugares onde não eram vistos. Então, isso é impressionante".



Emir Sader: “Luiz Inácio Lula do Brasil – esse é o teu nome, Lula!”

Carta Maior – 01/11/2015

Há pessoas cuja biografia – segundo Hegel – são histórias particulares, das suas vidas privadas. Há outras que, por estarem no olho do furacão, suas biografias são cósmicas, refletem os grandes dramas e aventuras de cada período histórico.

O filme sobre o Lula reflete sua historia particular, de maneira tocante, mas é, ao mesmo tempo, a história de milhões de brasileiros – uns sobreviveram, outros não -, afetados pela seca do nordeste, atraídos pelas promessas do sul, que protagonizaram a construção industrial do país. Lula sobreviveu a tudo, mas soube alçar-se a níveis que o elevaram a ser a melhor expressão do Brasil da sua e da nossa época.

Líder sindical na resistência à ditadura, conduziu o movimento sindical à ruptura de um dos pilares da ditadura – o arrocho salarial. Projetou a luta de massas dos trabalhadores a uma saga nacional, vitoriosa, que abriu o caminho para o fim da ditadura e a retomada da democracia.

Dirigente político, Lula conduziu a fundação do PT, um partido que apontou novos horizontes para o Brasil – não apenas a retomada da democracia, mas a justiça social. Foi candidato

a presidente, até que foi eleito presidente, numa trajetória espetacular a que nos acostumamos, mas que condensa todos os dramas, os dilemas e o potencial do Brasil contemporâneo.

Lula passou também a representar o que o Brasil precisa e pode ser. De país da miséria, da violência, da ditadura, do neoliberalismo, passou a ser o país da esperança, de que os brasileiros passaram a se orgulhar.

Lula projeta o Brasil no mundo como país símbolo do sucesso na luta contra a fome. Aquele objetivo mínimo que ele se havia proposto no começo – que todos os brasileiros comessem três vezes ao dia – expandiu-se para que todos os brasileiros tenham direito à vida e à esperança.

Lula se projetou como o líder popular mais importante no mundo, mais universal, cujo som do nome passou a remeter a justiça social, a dignidade, a um mundo melhor e mais humano. Sua imagem correu o mundo – depois de ter corrido tanto perigo – e provou que um líder de origem popular é quem melhor sente e resolve os problemas das grandes majorias. Lula tornou-se o símbolo maior da nossa história, das lutas seculares do Brasil, do sofrimento e da capacidade de superação de milhões de brasileiros. Projetam-se nele a esperança e a confiança dos milhões de brasileiros que viram reconhecidos seus direitos e sabem que suas vidas mudaram radicalmente para melhor graças às políticas do governo Lula.

Por isso Lula é objeto do amor de milhões e do ódio de milhares. Por boas razões, o amam por um lado e o odeiam por outro. Porque ninguém fez tanto bem pro povo e tanto mal pras elites conservadoras. Ninguém deu tanta esperança ao povo e ninguém fechou os caminhos da direita reacionária.

Lula representa o Brasil que dá certo, o Brasil da esperança, da auto estima, do progresso com justiça social, do crescimento com distribuição de renda. Lula representa para o mundo o país que superou a fome e saiu do mapa da miséria. E representa, para as elites tradicionais, a ameaça de que nunca mais vão poder fazer o que bem entendem deste país.

Nunca mais vão poder impor uma ditadura, quando perdem o controle do país. Nunca mais vão poder destruir a democracia e impor o arrocho sobre os trabalhadores. Nunca mais vão poder destruir os direitos dos trabalhadores e a propriedade pública, no altar do mercado e da privatização.

Daí o desespero da direita, da mídia conservadora, dos partidos das elites, dos que sentem que o país tornou-se um país de todos e não somente deles. Toda a energia lhes resta é canalizada para atacar Lula, na expectativa de gerar rejeições que lhe impossibilitem voltar a governar o Brasil. Mas fracassam, porque o caráter e a trajetória do Lula não foram construídos artificialmente pela mídia, mas foram feitos de suor e de sangue, de dignidade e de luta, resistem a tudo e a todos. Luiz Inácio Lula do Brasil – esse é o teu nome, Lula.



Fernando Brito: “Luís Inácio, o último que ficou, pai dos que vão nascer”

Tijolaço – 29/10/2015

A esquerda de punhos de renda é tão avessa aos líderes populares quanto a direita obtusa.

Porque o líder de massas não é nada em si, embora seja um milagre do processo social.

Ele dá corpo, cara, voz, representação humana aos sonhos e aos desejos de milhões, anulando sua própria existência para que sobreviva esta essência.

Não é uma teoria, é uma prática.

Portanto, falha, capenga, mambembe, defeituosa, cheia de contradições e defeitos.

A esquerda que se vê como tutora e guia do povo fica desconcertada.

Não está nos manuais. Não leu Gramsci. Nem sabe quem é Weber. Concilia com a burguesia sempre que pode. Faz amigos de direita, empresários. Vive cercado de áulicos, mas ouve mais os que sabem ter opiniões próprias, desde que as dêem discretamente.

Vive quase isolado, porque sua condição de líder o aprisiona: não pode descer

à padaria ou ao botequim, como um de nós, ou levar o neto ao parquinho de diversões.

É seu maior sacrifício, porque não pode ser macio com os seus como deve ser com os outros, até com muitos que de seus nada têm.

É uma preciosidade porque, contra a sua vontade, percebeu-se um fio de nossa história e vive a obsessão do dever de, sendo último de uma espécie, a qual o tempo foi devorando, deixar quem o suceda.

Porque, no fundo, gostaria de estar vivendo sem os apertos da política convencional os anos da etapa final da vida.

Mas é justamente por ser tudo o que é e, mais anda, por representar tudo o que representa que ele não terá paz.

Então, resta apenas voltar a ser o que sempre foi e nunca deixará de ser, mesmo quando não estiver por aqui, como todos um dia não estaremos.

Lula já não é mais, faz tempo, Luís Inácio da Silva.

É Lula, a face da esperança que o povo brasileiro viu e não esquece.

E que, como já aconteceu na História, aos que pensam que o derrotaram, há de responder com a vitória.



Aldo Fornazieri: “Vargas e Lula são os dois líderes nacionais que mais imprimiram um sentido ético à nação, no sentido de tentar unificá-la em torno do propósito de uma sociedade justa e do bem estar coletivo”

Jornal GGN – 16/01/2017

Título original: A perseguição a Lula e a destruição do sentido ético

Na peça Galileu Galilei, Bertolt Brecht estabelece uma polêmica acerca do sentido e do significado do herói. Em conversa com seu secretário Andreas o sábio italiano enfrenta a angústia de defender a verdade de que a Terra não é centro do sistema planetário sabendo que a Santa Inquisição lhe ceifaria a vida ou de negar a verdade e continuar mantendo a dádiva da vida. Andreas, jovem idealista, incita o mestre a defender a verdade da evidência científica argumentando que a possível morte o tornará herói. Entre as ponderações dos argumentos, Andreas declara: “Pobre do povo que não tem herói!”. Ao que Galileu responde: “Não Andreas.

Pobre do povo que precisa de herói!”.

Brecht adota o partido de Galileu, mas penso que se enganou. A tese interpretativa da negação do herói sustenta que um povo que precisa de herói não é um povo liberto. É um povo escravo de fato ou escravo da ignorância e do medo. Sustenta-se que a liberdade é uma atitude coletiva que se isenta da necessidade do herói. Muitos marxistas esposaram a tese de Brecht, mas não Gramsci, por exemplo, que compreendeu perfeitamente não só a importância do herói, mas também a força simbólica do mito que deveria ser encarnada na ideia de partido como moderno príncipe sem, contudo, suprimir o papel do líder, do herói no sentido da sua individualização.

Não há uma oposição entre o papel do herói e a construção de uma vontade coletiva. Aliás, não há registro na história dos povos que indique o surgimento de uma potente vontade coletiva transformadora sem a existência de um líder-guia, de um herói. A preponderância de um e de outro - herói ou vontade coletiva - depende muito das circunstâncias, da cultura de cada povo e das virtudes presentes em um ou na outra. Os gregos antigos, por exemplo, enfatizaram sobremaneira a importância do herói. Já na República romana, os líderes destacaram a vontade coletiva do povo e suas virtudes como a força de construção de um sentido grandioso de Roma, criando uma das primeiras teorias do destino manifesto.

De qualquer forma os heróis desempenharam um papel fundamental para referenciar as atitudes humanas, as atitudes de um povo. E, mesmo neste mundo liquefeito de hoje, neste mundo da impermanência, eles continuam a desempenhar um papel positivo. É verdade que existe mais de um modelo de herói e, na tipologia grega clássica, temos praticamente uma antípoda entre Aquiles que faz grandes feitos, pela sua ousadia, e morre jovem para projetar-se na memória eterna dos humanos e Ulisses que, com sua prudência, enfrenta todo tipo de adversidade, mas chega a uma velhice triunfante.

O herói é um portador de virtudes - coragem, ousadia, prudência, etc. - mas, acima de tudo, como referência moral da conduta do povo e dos cidadãos e como referência ética que orienta do sentido de futuro da cidade ou da nação, ele se define também pela exemplaridade de seus atos e de sua conduta. Atos e condutas exemplares são o amálgama que unificará e agregará o povo e será o fundamento da lei justa que, em grande medida, substituirá a própria função do herói, já que o povo encontrou o seu fundamento moral e ético.

O herói expressa também um recurso simbólico extraordinário, capaz de mobilizar energias e princípios nos momentos de crise ou nos momentos de realização de

elevados empreendimentos coletivos. Quase todos os povos têm seus heróis e seus líderes significativos, mal ou bem, lançam mãos a esses recursos simbólicos. Não por acaso, em seu discurso de despedida, Obama, em face a este momento angustiante em que vivem os Estados Unidos, recorreu duas ou três vezes aos Pais Fundadores.

As elites brasileiras e a destruição ética do país

Costuma-se dizer que o povo brasileiro não tem heróis no sentido nacional, popular e político do termo. Há uma boa dose de verdade nisso. A singularidade da nossa desditosa história, a indigência da nossa formação política e cultural, a carência de movimentos nacionais e populares na nossa formação, fraqueza das nossas virtudes coletivas e as dos nossos líderes e, principalmente, a violência recorrente das elites e do Estado contra os movimentos e líderes que lutaram por direitos e bem estar coletivo constituem causas dessa carência de heróis.

Em que pese tudo isto, existem, contudo, em nossa história, dois líderes que se aproximam da ideia de herói no sentido nacional, popular e político do termo. Trata-se de Getúlio Vargas e de Lula. Claro que quando se fala de Lula há algo de problemático na medida em que nunca é possível dizer algo definitivo de quem está vivo. Mas, com essa ressalva, cabe reconhecer que Vargas e Lula são os dois líderes nacionais que mais imprimiram um sentido ético à nação, no sentido de tentar unificá-la em torno do propósito de uma sociedade justa e do bem estar coletivo. O termo "ética" aqui é empregado no seu senso aristotélico, vinculado aos fins públicos comuns do bem estar e da justiça.

Dito isto cabe observar que tanto Vargas, quando vivo e mesmo que morto, e Lula em vida, sofrem uma perseguição tenaz por parte de setores das elites. Ao querer se destruir sua representação simbólica quer-se destruir a sua expressão enquanto referencial do sentido ético do Brasil e de seu povo. Quer-se destruir aquela energia simbólica que pode ser fonte de emanção de lutas e mobilizações, no presente e no futuro, por mais direitos e justiça. Quer se destruir o sentido orientador da ideia de igualdade na construção de uma sociedade mais justa e digna. A destruição de Vargas e de Lula é a destruição de uma reserva de combate, por mais contradições e paradoxos que ambos representem. O fato é que as elites brasileiras sequer suportam a presença e a simbologia de figuras como Vargas e Lula mesmo que em seus governos partes das elites tenham sido beneficiadas. É também nesta chave compreensiva que se deve entender a perseguição impie-

dosa que o juiz Moro, o procurador geral da República Rodrigo Janot, os procuradores representados na figura de Deltan Dallagnol e setores da Polícia Federal e do Judiciário movem contra Lula. De todos os processos e indiciamentos contra o ex-presidente, até agora, não há razoabilidade em nenhum deles. A perseguição, as denúncias vazias, os vazamentos seletivos, contudo, estimularam o golpe-impeachment e promoverem danos irreparáveis a Lula.

Como explicar a conduta desses agentes da perseguição? Claro que existem interesses pessoais e políticos na perseguição, vaidades, ódios, rancores e frustrações. Mas esses agentes não deixam de ser a representação da violência atávica das elites brasileiras contra todo o sentido da construção ética de uma sociedade justa e igual e de tudo o que significa luta nacional e popular por direitos. Como serviçais das elites, esses agentes não deixam de se sentirem donos do Estado, donos dos instrumentos da violência concentrada, portadores de uma imemorial consciência dos privilégios patrimonialistas.

Direitos, justiça e igualdade e a constituição ética do Brasil e da sociedade, portanto, são ameaças aos interesses, ao poder e ao mando das elites e de seus agentes. De tempos em tempos promovem uma degola das conquistas alcançadas através das lutas. É isto que se está vendo neste momento com o governo Temer. Nestes surtos violentos e destrutivos da agregação social e do sentido ético, agridem também com mais violência as representações simbólicas dessas lutas e dessa construção. Os movimentos sociais e políticos progressistas precisam compreender que quando se trata de democracia, direitos, liberdade, justiça e igualdade nunca há uma garantia definitiva. A manutenção das conquistas e sua ampliação requer lutas e mobilizações permanentes.



Aldo Fornazieri: “O Brasil tem escassos recursos simbólicos, em termos de história e de líderes significativos, que possam ser uma fonte de vida para mobilizar energias criativas e transformadoras”

Jornal GGN – 27/03/2017

Título original: Por que destruir Lula

Atendendo pedido de alguns leitores, procurarei aqui esclarecer melhor o sentido de artigo anterior - “A perseguição a Lula e a destruição do sentido ético” (GGN 16/01/17). A questão principal posta consiste em entender as razões mais profundas da sanha persecutória e declarada de destruir não só a figura política, mas a figura simbólica de Lula. É verdade que o golpe tem uma estratégia de dois momentos, sendo que o primeiro consistiu no afastamento de Dilma e, o segundo, na tentativa de inviabilizar a candidatura Lula em 2018. As elites brasileiras querem o controle absoluto do Estado e do orçamento para atender os seus interesses. Mas a destruição da figura política e simbólica de Lula vai para além desse objetivo. Em primeiro lugar, essa fúria destruidora se relaciona com um elemento da

história. Em que pese existir, hoje, um conceito pluralista de história, a história dos povos, em sua tradição, se referia aos grandes acontecimentos, de caráter coletivo, capazes de conferir um caminho e um sentido de futuro àquela comunidade específica. Esses acontecimentos podem se configurar tanto em epopéias quanto em tragédias. Os grandes acontecimentos históricos se tornam subjetividade e adquirem uma dimensão abstrata e espiritual e se tornam um poder simbólico, além de uma lição a ser sempre indagada, apreendida e refeita. São uma fonte inesgotável de poder pelo fato de que os seres humanos do presente e do futuro sempre podem recorrer a eles para mobilizar energias criadoras produzindo algo novo e imprevisto.

Os grandes acontecimentos históricos que adquirem uma dimensão simbólica geralmente expressam uma condensação extraordinária de vontade coletiva. Essa vontade coletiva tem dois organismos principais de sua fomentação e de sua organização: a figura do herói - do mito-Príncipe na linguagem de Maquiavel e de Gramsci - ou um organismo, como um partido ou um movimento.

No sentido geral do termo, entende-se por herói um ser humano que exerce uma influência extraordinária sobre os acontecimentos históricos pela sua prudência, pela sua coragem e pela sua bravura, conferindo às suas ações (ou às suas palavras) uma dimensão desmedida em relação às ações significativas de outros atores. No mundo antigo, o herói aproximava-se dos deuses merecendo uma veneração e uma imortalidade na memória vindoura e na perdurabilidade dos tempos. Ao adquirir esta configuração simbólica, o herói torna-se recurso, vida, energia, exemplo, força mobilizadora.

Mesmo que o herói moderno seja mais humanizado, o fato é que os heróis se tornam cultura viva, memória ativa e se perfilam em nossos espíritos como arcos do triunfo, campos de batalhas, dolorosos desfechos trágicos, marchas triunfais, resistências, revoluções. Tanto os heróis quanto os grandes acontecimentos do passado mobilizam as nossas emoções e são as nossas emoções mobilizadas, mais do que o computador, a frieza do cálculo ou outra virtualidade qualquer, que têm a potência da transformação, a força inovativa criadora do novo.

A destruição de Lula

Todos sabemos que o Brasil tem escassos recursos simbólicos, em termos de história e de líderes significativos, que possam ser uma fonte de vida para mobilizar energias criativas e transformadoras. Nem a declaração da Independência e nem a proclamação da República, momentos fundantes da nação, se apresentaram como

atos trágicos ou épicos de significação transcendente e nem produziram heróis inspiradores do futuro. As elites brasileiras, movidas pelo seu egoísmo predatório, nunca tiveram um senso de res publica, nunca elaboram um projeto de grandeza nacional e nunca almejam a conquista da glória. A única coisa que almejam foi escravizar, explorar e maltratar os trabalhadores e o povo. A sua prática política constitutiva consiste em assaltar os cofres públicos, apoderando-se do orçamento, geralmente constituído pelo sacrifício fiscal dos mais pobres.

Não podemos deixar, contudo, de creditar a Getúlio Vargas e a Lula conteúdos e dimensões que os aproximam do conceito de herói e lhes emprestam funções simbólicas de reserva de poder mítico. Por qual razão Vargas e Lula encarnam este conteúdo e este conceito? Porque foram construtores, organizadores e depositários de uma vontade coletiva nacional, encarnaram uma "fantasia concreta", a esperança de um futuro melhor, a ideia de uma remissão da miserável condição de um povo sofrido e abandonado. Por desempenharem essas funções, de alguma forma ou de outra, Vargas e Lula se tornaram preconceitos do povo, paradigmas de líderes políticos.

É conhecido o esforço que as elites predatórias e seus servidores intelectuais empreenderam para destruir a figura política e simbólica de Vargas. Agora, esse mesmo esforço, com a mobilização de meios inauditos, se volta para destruir a figura política e simbólica de Lula. A tentativa de destruir Vargas, parcialmente bem sucedida, e agora a violência destrutiva que se projeta contra Lula, tem esse objetivo maior: negar ao povo, no presente e no futuro, o recurso a uma fonte viva de poder, o recurso a uma energia mobilizadora, ativa, transformadora e criadora de inovação. As elites predatórias e saqueadoras da república não querem que o povo tenha, a qualquer tempo, esse recurso extraordinário de poder capaz de mobilizar energia para mudar o sentido da história do Brasil. Querem que o povo se mantenha na sua própria solidão, abandonado, enregelado e impotente.

Para privar o povo e os movimentos sociais do recurso do poder simbólico é preciso destruir Lula, imputando-lhe todo tipo de acusações, apresentando-o como o oposto das virtudes republicanas, que é a acusação de corrupto. Para isto não se envergonham em escandalizar pedalinhos e barquinhos de crianças. O que era crime ontem para atingir Lula, hoje é licitude validada por juizes do STF para salvar a hipocrisia decrépita dos líderes das elites. Nestes momentos, as elites não têm nenhuma consideração com a Constituição, com as leis, com as aparências, com a democracia. Destruir o sentido de nação, de vontade coletiva, e todos os instrumentos e políticas públicas que poderiam imprimir uma orientação de futuro é o

custo monstruoso a ser pago para que a predação possa continuar.

É preciso entender aqui que não se trata de endeusar ou mitificar nem Vargas e nem Lula. Trata-se de compreender o que eles representam simbolicamente para a constituição de uma consciência cívica e para um sentido ético da comunidade política. Trata-se de compreender que, com seus acertos e erros, com suas ambiguidades, eles significam o poder simbólico do povo brasileiro, que tem escassos recursos históricos para se mobilizar e se unir em torno de um propósito libertador, de justiça e igualdade.

Trata-se de compreender que é o povo e os seus movimentos sociais que as elites querem atacar para mantê-los subjugados. Querem um povo servidor dos seus interesses e de sua riqueza, vergonhosa e indecentemente amealhada com a apropriação dos recursos públicos que deveriam amenizar as vicissitudes dos mais pobres. Trata-se de compreender que somente o tumulto das ruas e a veemência das batalhas serão capazes de bloquear esta deprimente história do Brasil e patrocinar um destino mais dignificante, civilizado e grandioso para o povo.



Wanderley Guilherme: “Lula, o intérprete dos desassistidos entrará para a história; já os reacionários não terão memória, não terão registro. Serão abolidos”

Segunda Opinião – 26/06/2015

Poucos personagens públicos do Brasil contemporâneo serão homenageados com lápides congratulatórias. Em sua maioria nada têm de si senão a obsessão de sobrepujar o próximo. Aí confraternizam acadêmicos, artistas, esportistas, jornalistas e, claro, políticos, salvo Lula. Atávica inclinação vampiresca, o canibalismo de caráter não é produto exclusivamente nacional, está globalizado, mas temos produzido inspirados episódios de canalhice. Não lhes faltam aplausos externos. Se o vampirismo é inevitável, o afã construtivo é matéria de escolha e competência - aqui a excepcionalidade de Lula. Ninguém dele dirá que tenha sido angelical. Nem isento de graves pecados. Provavelmente só o próprio conhecerá a extensão de sua vilania. Assim como seus adversários saberão das suas. Mas o que é público e notório está à disposição de todos, não obstante o verbo ressentido das denúncias.

Na lápide de Lula não de constar a incorporação dos miseráveis à agenda governamental, o desmascaramento da ideologia da sociedade sem classes e sem raças, o desafio ao complexo de subalternidade das elites tradicionais. Audácia imperdoável. Há de constar que, ferido o indivíduo, empunharam armas os sombrios heróis dos assassinatos sem risco, das infâmias subsidiadas, da valentia do monólogo. Através do indivíduo miram os descalços e esfarrapados, como se o desejado féretro de um abolisse a existência dos outros. Em vão. Nem sucumbirá o homem público nem o soterrarão os carnavais de almas rotas pelo ódio. É simplesmente triste observar a revelação da mesquinharia das assim chamadas pessoas de bem, justiceiros de oportunismo em busca de um naco da reputação do grande líder popular. Lula, o intérprete dos desassistidos, permanecerá intacto, ainda que o comprovem privadamente pérfido. É possível, mas será o homem com CPF, não o vitorioso no duelo com os reacionários. Estes não terão lápide, não terão memória, não terão registro. Serão abolidos.





As fotos utilizadas nesta publicação são de Ricardo Stuckert e retratam a Caravana Lula pelo Nordeste, ocorrida entre 17 de agosto e 5 de setembro de 2017. A exceção é a foto da página 3, que faz parte do arquivo da campanha de Marília a prefeita de Contagem em 1996.

Gabinete da Deputada Estadual Marília Campos

Assembleia Legislativa de Minas Gerais: Rua Rodrigues Caldas, 30, sala 213,
Santo Agostinho, CEP 30190-921, Belo Horizonte, MG - Telefone: 31 2108-5445

Gabinete de Contagem: Avenida José Faria da Rocha, 3.171, sala 301,
CEP 32310-210, Contagem, MG - Telefone: 31 2557-7679
E-mail: dep.marilia.campos@almg.gov.br

www.mariliacampos.com.br

E-MAIL dep.marilia.campos@almg.gov.br

FACEBOOK www.facebook.com/mariliacampos.contagem

Marília  Campos
Deputada Estadual